



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO,
LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO**

ANA CRISTINA GONÇALVES DA CRUZ

**IROKO: PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO
PARQUE SÃO BARTOLOMEU**

**Salvador
2024**

ANA CRISTINA GONÇALVES DA CRUZ

**IROKO: PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO PARQUE SÃO
BARTOLOMEU**

Projeto de Intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas da Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete de Fátima Noro Cordeiro.

Salvador

2024

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

Cruz, Ana Cristina Gonçalves da.

Iroko [recurso eletrônico] : produção de conteúdos livre e educação no Parque São Bartolomeu / Ana Cristina Gonçalves da Cruz. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete de Fátima Noro Cordeiro.
Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação e tecnologia. 2. Tecnologias digitais. 3. Protótipo de ensino. 4. Parque São Bartolomeu. 5. Cultura livre. I. Cordeiro, Salete de Fátima Noro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

CDD - 371.35 ed.



**Programa de Pós-graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
Mestrado Profissional em Educação**

ATA DA ATIVIDADE DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE **ANA CRISTINA GONÇALVES CRUZ** DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

Aos **16** dias do mês de **dezembro** do ano de dois mil e **vinte** e quatro às **09 horas**, reuniram-se de modo online, a banca examinadora composta pelos/as professores/as doutores/as, membro(s) externo(s) **JANIO LAURENTINO DE JESUS SANTOS** e **THIARA MESSIAS DE ALMEIDA TEIXEIRA**, membro(s) interno(s) **SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO**, orientador/a, para analisar o percurso do trabalho de conclusão de curso intitulado **IROKO: PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO PARQUE SÃO BARTOLOMEU**. Após a discussão, a banca analisou o referido trabalho, chegando ao seguinte parecer:

Pesquisa com temática relevante e pertinente. Mestranda demonstrou amadurecimento ao longo da escrita do trabalho. Deve seguir as recomendações da banca em relação à reorganização de alguns pontos entre eles os da metodologia, fortalecer alguns conceitos, análise de dados e considerações finais. A banca considera o trabalho aprovado.

Documento assinado digitalmente
gov.br SALETE DE FATIMA NORO CORDEIRO
Data: 16/12/2024 10:57:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO

Documento assinado digitalmente
gov.br JANIO LAURENTINO DE JESUS SANTOS
Data: 20/12/2024 00:14:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. JANIO LAURENTINO DE JESUS SANTOS

Documento assinado digitalmente
gov.br THIARA MESSIAS DE ALMEIDA TEIXEIRA
Data: 26/12/2024 12:02:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a THIARA MESSIAS DE ALMEIDA TEIXEIRA

DEDICATÓRIA

Ao meu pai amado Benício (in memoriam), que sempre me incentivou a estudar e ser uma mulher independente, mostrando que o conhecimento era o único caminho possível para conquistar meus sonhos. Minha inspiração e sei que mesmo ausente fisicamente, continua vivo em meu coração. Muito obrigada por toda dedicação acreditando que era um sonho possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por possibilitar superar as etapas desse curso, tendo ao meu lado minha família e amigos que tanto me incentivaram nessa longa jornada. Momentos de alegria se misturavam aos conflituosos devaneios que me levaram, em determinados momentos, a retroagir nessa incessante busca pelo rigor científico. Esses caminhos tortuosos foram desafios que me levaram a superar obstáculos, os quais foram primordiais para meu amadurecimento como pesquisadora. Agradeço também aos Orixás que protegem o Santuário que é o Parque São Bartolomeu, que deram abertura para que essa pesquisa fosse realizada, banhando-me nas águas de Oxum e trilhando os caminhos de Oxossi.

Essa pesquisa foi desenvolvida servindo como início de representatividade dos caminhos de luta na proteção da história, memória e acervo natural, símbolo da cultura e resistência do povo baiano presentes no Parque. Como esse ambiente sagrado localizado nas proximidades da Bahia de Todos os Santos cria conexões com toda uma ancestralidade de uma população negra que tem sua história fincada na representatividade de um povo que tem forte ligação com o parque. Nesse sentido, foi necessário criar conexões que contemplem essa diversidade. Sendo imprescindível, os agradecimentos também vinculam-se ao principal orixá, Iroko, o Tempo, que se conecta diretamente com a vinda dos demais orixás, tendo suas raízes fincadas na entrada do parque, sendo a Gameleira Branca o símbolo de Iroko. Assim, agradeço ao Tempo que permitiu que essa pesquisa fosse realizada, assim como a singela homenagem dando nome a essa pesquisa. Agradeço a Deus por me presentear com uma mãe maravilhosa que sempre apoiou minhas escolhas, me incentivando a jamais desistir, um apoio incondicional. Sem minha amada mãe, essa conquista não seria possível.

Quero agradecer ao meu irmão Benicio Filho, que sempre esteve ao meu lado me apoiando, e à minha cunhada Mariana, que sempre me acolheu em sua casa com carinho, e à minha única querida sobrinha Clarice, que ficava mesmo com muito sono esperando a titia chegar.

Aos meus filhos que me apoiavam, mesmo sendo crianças, compreendiam que precisavam fazer brincar em outro ambiente que não incomodasse a mamãe estudar. Agradeço meu esposo, que mesmo querendo a minha companhia, entendia que estava dedicada ao curso, sendo necessário abdicar de momentos como viagens em família.

Essa rede de apoio foi primordial para o fechamento desse ciclo acadêmico tão necessário ao meu crescimento pessoal e profissional.

Agradecimentos sinceros ao Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) que tanto contribuiu na minha formação. As trocas e indicações bibliográficas foram de fundamental importância, pois as mesmas enriqueceram meu arcabouço teórico, ampliando as possibilidades com as intervenções do grupo na construção dessa pesquisa, suscitaram questões inovadoras a partir das indicações de leituras e sugestões pontuais que reverberaram na minha escrita.

Nessa caminhada, são tantos os agradecimentos que às vezes torna-se difícil lembrar por quantas mãos fui acolhida, porém algumas pessoas mais próximas se fizeram presentes em ouvir e incentivar nos momentos em que parecia não ser possível vencer as dores que me afligiam. Essas pessoas especiais, como Aldalice (amizade que me cativou no MPED) e Sandra Lee (que já conhecia, porém com o curso os laços de amizade se estreitaram), se tornaram aliadas para que fosse possível alcançar essa tão sonhada conquista.

Quero agradecer imensamente a minha orientadora que, com toda sapiência, cuidadosa na orientação na busca do rigor científico, sem perder a sensibilidade no olhar. Entusiasmada, abraçou a pesquisa, vivenciando a escola e o parque na dimensão plena dos movimentos internos que preconiza sua preservação. Meus sinceros agradecimentos por abraçar e acreditar que é possível uma educação além dos muros da escola.

Meus agradecimentos se estendem a toda a comunidade do Colégio Estadual Luís Rogério de Souza, em especial a tua gestão, representada por Marconi e Rodolfo, que abraçaram essa pesquisa, apoiando o caminhar de cada etapa desenvolvida durante esse processo de construção dos dados.

Quando um dia,
Os oprimidos se voltarem
Contra seus opressores
Nada os poderá deter
Os opressores são poucos,
Os oprimidos muitos [...]
(DIONÍSIO, 2002, não paginado).

RESUMO

Esta pesquisa interventiva propõe a construção colaborativa de um protótipo denominado *Iroko*, voltado à produção de conteúdos digitais abertos sobre o Parque São Bartolomeu (PSB), localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. O estudo parte da problemática da invisibilidade histórica, ambiental e cultural do PSB, associada à lacuna de práticas educativas que integrem tecnologias digitais e valorizem a identidade local. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, com dispositivos como rodas de conversa, diários de campo, visitas guiadas e oficinas de produção multimídia, envolvendo estudantes, professores e comunidade escolar do Colégio Estadual Luís Rogério de Souza (CELRS). O protótipo visa criar um banco de dados com licenças livres, abrigando imagens, vídeos, áudios e registros de realidade aumentada, além de promover o protagonismo estudantil na preservação da memória do parque. Os resultados evidenciam a necessidade de resgatar narrativas sobre o PSB como espaço de resistência negra, sagrado e ambiental, confrontando discursos hegemônicos que o associam à violência. Conclui-se que a filosofia *hacker* e as tecnologias abertas fortalecem práticas educativas críticas, contribuindo para a formação cidadã e a reconfiguração do currículo escolar em diálogo com o território.

Palavras-chave: Educação; Tecnologias Digitais; Parque São Bartolomeu; Protótipo; Cultura Livre.

ABSTRACT

This interventional research proposes the collaborative construction of a prototype called Iroko, aimed at producing open digital content about Parque São Bartolomeu (PSB), located in the Railway Suburb of Salvador-BA. The study starts from the problem of the historical, environmental and cultural invisibility of the PSB, associated with the gap in educational practices that integrate digital technologies and value local identity. Methodologically, a qualitative approach is adopted, with devices such as conversation circles, field diaries, guided visits and multimedia production workshops, involving students, teachers and the school community at Colégio Estadual Luís Rogério de Souza (CELRS). The prototype aims to create a database with free licenses, housing images, videos, audios and augmented reality records, in addition to promoting student leadership in preserving the park's memory. The results highlight the need to rescue narratives about the PSB as a space of black, sacred and environmental resistance, confronting hegemonic discourses that associate it with violence. It is concluded that the hacker philosophy and open technologies strengthen critical educational practices, contributing to citizenship formation and the reconfiguration of the school curriculum in dialogue with the territory.

Keywords: Education; Digital Technologies; São Bartolomeu Park; Prototype; Free Culture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa dos Bairros de Salvador	p.
FIGURA 2	Mapa de localização do Parque São Bartolomeu no contexto das demais áreas protegidas	
FIGURA 3	Área de estudo (local), Parque São Bartolomeu (PSB) – sobreposto com a APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu, situado na Bacia do Cobre e entorno com os limites da PIS-COBRE (Poligonal de Intervenção Social), Bahia, Brasil	
FIGURA 4	Localização das instituições avaliadas no entorno do Parque São Bartolomeu	
FIGURA 5	Santuário Parque São Bartolomeu	
FIGURA 6	Teleférico Salvador	
FIGURA 7	Praça de Oxum	
FIGURA 8	CELRS Fachada Paulo Freire	
FIGURA 9	Radioweb Luís Rogério	
FIGURA 10	Cachoeira de Nanã	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Recursos e Valores que requerem ações de manejo para retornarem ao estado desejado de conservação	
QUADRO 2	Relatório do Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão	
QUADRO 3	Colaboradores do CELRS	

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATD	Análise Textual Discursiva
APA	Área de Proteção Ambiental
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CELRS	Colégio Estadual Luís Rogério de Souza
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
GEC	Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEMA	Instituto Do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
MPED	Mestrado Profissional em Educação
PIS-COBRE	Poligonal de Intervenção Social do Cobre
PPGCLIP	Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
PPT	Produto Técnico Tecnológico
PSB	Parque São Bartolomeu
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SAVAM	Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural
SAMGe	Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

ANDANÇAS.....	15
INTRODUÇÃO	20
2. METODOLOGIA.....	31
2.1 CARACTERIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO LOCUS DE PESQUISA	34
2.2 O COLÉGIO ESTADUAL LUÍS ROGÉRIO DE SOUZA.....	37
2.3 DISPOSITIVOS DA PESQUISA.....	41
2.4 DISPOSITIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE DADOS	43
3. O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	47
4 TECNOLOGIAS ABERTAS E CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ ..	55
5 EPISTEMICÍDIO: OS CAMINHOS DO SAGRADO E DA MEMÓRIA	57
6. NO MEU QUINTAL TEM UM PARQUE	63
7 PROTÓTIPO: - COMUNIDADE SUBURBANA, VOCÊ CONHECE O PARQUE? .	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE A - Proposta de Produção Técnica-Tecnológica	76
RODAS DE CONVERSA ESTUDANTES	76
APÊNDICE B – RODAS DE CONVERSA	
PROFESSORES/COORDENADORES/GESTÃO	77
ANEXO A.....	78
PERGUNTAS PROVOCADORAS	78
ANEXO B – PROPOSTA TÉCNICA-TECNOLÓGICA (PTT) - IROKO: PROTÓTIPO	
DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO PARQUE SÃO BARTOLOMEU	79

ANDANÇAS

A presente seção se configura como um momento importante para compartilhar o percurso da caminhada pessoal, profissional e acadêmica. Discorrer sobre fatos vivenciados ao longo dos anos, que são norteadores para a minha formação pessoal e social, enquanto sujeito consciente da minha prática discente e docente, é fundamental para que se compreenda as minhas escolhas neste relatório.

Nasci na cidade de Salvador. Minha família era formada pela minha mãe, dedicada exclusivamente à criação dos filhos, e pelo meu pai, responsável pelos proventos financeiros que garantiam o suficiente para a sobrevivência diária, nos oferecendo oportunidades de estudo, lazer e formação. Ressalto que, no período da minha infância, devido às questões de saúde respiratória, mudamos para a cidade de Rafael Jambeiro - 210km de distância da capital baiana. No cenário do semiárido nordestino, tive uma infância nutrida nas relações de convívio entre amigos e parentes maternos.

Cabe ressaltar que esse período foi marcado pelas inúmeras viagens de ônibus entre Salvador e Rafael Jambeiro. Acompanhada de minha mãe e meu irmão para encontrar nosso pai, esses deslocamentos constituíram-se em momentos repletos de aprendizagens inesquecíveis, que marcaram meu imaginário. Lembro como se fosse hoje que o meu local favorito era a poltrona da janela, de onde pude ter experiências únicas, que marcaram o meu jeito de ser e pensar o espaço. Ali, sentada com olhos firmes e atentos, observava as transformações na paisagem: vegetação rasteira, cheia de espinhos com galhos retorcidos. Todas essas características estão presentes na Caatinga, adaptadas ao longo dos períodos de estiagem, da seca que aflige o sertanejo.

À medida que me aproximava do litoral, percebia que o solo já não era mais o mesmo, passando a apresentar características diferentes, com tonalidade vermelha e vegetação densa. Os resquícios da Mata Atlântica refletiam as transformações na paisagem, meu coração batia mais forte, em um transbordar de alegria, pois faltava pouco para reencontrar meu pai. Outro fato notório nessa trajetória de descobertas sobre os ambientes, mudanças nas regiões, dentre outras particularidades na minha vida, foi no período da adolescência, quando recebi uma máquina fotográfica com filme de 24 ou, às vezes, 36 poses, que registrava os melhores ângulos das paisagens. Na década de 1990, as câmeras digitais não eram comuns. Havia

algumas limitações para a realização dos registros, pois no modo analógico era necessário despende recursos para a revelação das imagens.

A minha vivência no período foi muito diferente da realidade que vivenciamos no século XXI, com a possibilidade de produzir imagens digitais, na qual você vê o resultado imediatamente após o clique, pode selecionar, descartar ou até mesmo editar de vários modos ou com vários filtros. Além disso, é possível ampliar o limite de quantidade de imagens, salvar em ambientes físicos ou virtuais e compartilhar nas redes. O tempo e os espaços se transformam, sendo possível criar imagens, monitorar espaços, dentre outras facilidades do digital.

Conforme mencionado, uma parte considerável da minha formação escolar foi na pequena e amistosa cidade de Rafael Jambeiro. Morávamos em um ambiente acolhedor, marcado pela presença de laços afetivos fortes. Diga-se de passagem, em uma bela casa construída por meus pais, que mais parecia um sítio. Devido à residência localizar-se no final da rua, ficamos um longo período sem a presença de energia elétrica. Embora não houvesse luz, esse não foi o motivo para a falta de incentivos nas escolhas da família: a imersão na leitura literária e escuta do rádio eram aliados nos momentos noturnos.

Vivenciei aprendizagens que são trazidas até os momentos atuais da minha história profissional, acadêmica e pessoal. A ausência de energia elétrica foi um divisor de águas para novas experiências. A luminária a gás, juntamente com a lua cheia, possibilitou criações de saraus, acompanhados de rodas de conversas e sons do violão. Posso dizer que os livros foram meus melhores amigos, principalmente na fluidez da imaginação, quando o contato com a televisão era raro.

Outra inspiração na minha vida, no período da adolescência, foi por meio da minha querida mãe. Ela contava sobre sua juventude, quando era professora, o que me deixava com muito orgulho. Percebo que, mesmo sem formação acadêmica, ela era amante da leitura e me incentivava continuamente. Uma mulher notável, minha companheira de estudo, nas madrugadas da vida. Uma pessoa que hoje sei o quanto me influenciou na minha escolha para a área da educação.

Minha estadia na cidade de Rafael Jambeiro foi até os meus quatorze anos. Retornei com a família para Salvador e, com muita dedicação e incentivo na busca de trilhar o caminho do conhecimento, continuei os meus estudos. No ensino médio, fiz o curso técnico em Contabilidade e, também para melhorar minha prática de programação, fiz o curso de MS-

DOS e, logo após, o curso de CLIPPER. Com esses cursos, eu já não era uma mera usuária da tecnologia, mas conseguia fazer uso da linguagem de programação, criando alguns programas com limitações. O percurso dos meus estudos no ensino fundamental, médio e superior foram todos em instituições públicas. No ano de 2000, iniciei minha trajetória acadêmica com a aprovação no curso de Geografia na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Uma nova jornada iniciou-se na minha vida quando ingressei na academia, principalmente quando reconheço que fiz história na minha família materna e paterna, pois fui a primeira a ingressar num curso superior. Sinto-me feliz por ter sido a precursora, abrindo caminhos para outros familiares e amigos para ingressarem no ambiente acadêmico, mostrando que é possível sonhar e acreditar. Isso porque, como eles, vivi na mesma situação de vulnerabilidade social. Lembro-me de que foram criadas diversas políticas públicas do Governo Federal, viabilizando a inserção de jovens periféricos, pobres e negros nos cursos superiores com o intuito de minimizar as desigualdades sociais no Brasil.

Minha caminhada como professora, lecionando a disciplina de Geografia, iniciou no ano de 2005 na escola pública, logo após concluir a graduação. Ao passar do tempo, prestei alguns concursos, sendo aprovada no ano de 2011, quando fui nomeada no concurso público do Estado da Bahia para o cargo de Professora de Geografia. Tomei posse do cargo e iniciei a minha prática docente. Porém, fiquei frustrada com as disparidades presentes na escola. As lacunas e frustrações na prática de sala de aula me levaram a fazer outra graduação que possibilitasse conciliar com a educação. Nesse caso, fiz o curso de Engenharia Civil.

A presença na sala de aula da escola pública trazia momentos de aflição e angústias. Percebi que havia uma distância significativa da teoria, vivenciada na universidade, e o ambiente escolar. Além disso, notei que o modelo de educação do meu período escolar era diferente da nova realidade, o que me provocou um estranhamento, enquanto educadora, pois me deparei com as salas de aulas lotadas e com poucos recursos. Percebo que esses desafios me causaram grande inquietação, no entanto, não poderia passar essa frustração para os estudantes. Assim, precisei traçar novas estratégias, como intercâmbios entre os conhecimentos da Engenharia e da Geografia. A intenção inicial era tentar construir, coletivamente alternativas dentro da realidade da educação pública que propiciassem o processo de ensino e aprendizagens de forma colaborativa, em que o aluno não fosse um mero receptor, mas atuante nos processos de transformação de sua realidade.

O anseio por uma nova caminhada surge em meio aos desafios da vida: continuar os estudos na academia, agora, na pós-graduação, no Mestrado Profissional. O projeto de intervenção para ser submetido ao programa da universidade surge a partir das vivências no contexto escolar. Na verdade, reverberando com minhas práticas na sala de aula, tentei buscar nos conhecimentos adquiridos na Engenharia, maneiras para melhorar a minha prática na educação básica, no ensino de Geografia.

Um dos motivos da construção desse projeto foi a vivência do momento pandêmico e pós-pandêmico como educadora. Não obstante, o retorno às aulas, de forma remota, foi desafiante, considerando a diversidade socioeconômica dos estudantes, principalmente, com a escassez de dispositivos móveis como o celular, notebook e o acesso à internet. Além disso, havia a necessidade de tornar as aulas dinâmicas para despertar nos alunos presentes o interesse pelos estudos, mesmo que de maneira remota. O que me levou a buscar alternativas de práticas de ensino com jogos, nuvem de palavras e outras linguagens que os atraíssem a permanecer assistindo às aulas.

Os desafios me paralisaram por um tempo, antes do ingresso no Mestrado. No entanto, o desejo de querer intervir na realidade dos estudantes da escola pública a partir de uma rede colaborativa de conhecimento que envolva toda a comunidade escolar foi maior. Reconheço a existência de uma realidade dicotômica dentro da escola pública, por isso, penso ser necessário criar um olhar crítico para que os estudantes se percebam, enquanto sujeitos capazes de transformar a realidade em que vivem, dando aos mesmos lugares de fala, vez e voz.

A partir das vivências no contexto escolar, surgiu a ideia de criar um projeto-piloto com a finalidade de construir laços e trocas de conhecimentos sobre o Parque São Bartolomeu, a escola e a comunidade ao seu entorno. Na verdade, reverberando com minhas práticas na sala de aula, tentei buscar nos conhecimentos adquiridos na Engenharia maneiras para melhorar a minha prática na educação básica, no ensino de Geografia. Com o intuito de compreender as dinâmicas socioespaciais ao longo da História, pretendo estreitar as relações a partir de conteúdos digitais e analógicos que contêm a sua história, como uma estratégia relevante para o ensino no ambiente escolar.

A proposta de pesquisa teve como lócus a unidade de ensino em que atuo como professora. Essa unidade escolar é privilegiada por ter uma sala de visita esplêndida: o Parque São Bartolomeu – um ambiente riquíssimo, quando se trata da fauna, flora, das relações de

identidade, pertencimento, cultura e resistência do povo negro. Na verdade, pesquisar as questões territoriais presentes nesse espaço e as transformações que ocorreram, ao longo dos anos, foram substanciais para a escrita do Projeto de Intervenção.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fez parte de um desenho teórico metodológico específico, delineado a partir da proposta de Pesquisa Interventiva do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas (PPGCLIP - MPED). Logo, devemos deixar claro para o leitor que se trata de uma pesquisa que parte de uma problemática oriunda de um cotidiano vivenciado e experimentado pela pesquisadora no seu locus de atuação profissional. Dessa maneira, o caminho da pesquisa será construído de maneira colaborativa com a comunidade escolar e entorno. A pesquisadora identificou uma situação problema que foi minimamente elaborada e levada para que a comunidade apreciasse as ideias iniciais através de uma metodologia denominada partilha.

A partilha é um primeiro momento de escuta da comunidade, onde a situação problema é exposta de uma maneira que todos possam participar, opinar, ajudar com ideias e adicionar outras questões não vistas pelo pesquisador. Esse momento também ajuda a delimitar a construção do Projeto de Intervenção, que será construído e fortalecido através de uma pesquisa que envolve um refinamento dessa escuta. Se uma pesquisa acadêmica recorrente exige um grande esforço teórico, em alguns casos, discutindo dados empíricos à luz de teorias e construindo reflexões e teses, aqui no Mestrado Profissional, além do campo empírico e teórico necessários, é preciso construir um projeto de intervenção, que ao final resulta em um Produto Técnico Tecnológico (PTT).

Neste trabalho, optamos por denominá-lo protótipo devido à sua provisoriedade e inconclusão, uma vez que temos a perspectiva de que ele poderá sempre ser melhorado (Antonio Lafuente; David Gómez, 2020). Cabe ressaltar que ele não será aplicado durante a pesquisa, mas dentro de suas lacunas e inconclusões, poderá ser aperfeiçoado e adaptado em momento oportuno após o desenvolvimento de todo o trabalho acadêmico. Assim, ao longo do percurso investigativo, desde a elaboração da problemática, seleção de referenciais, dispositivos de pesquisa e a construção de dados, a pesquisa constitui-se em um laboratório artesanal, que culmina com o resultado de um processo criativo, a elaboração do protótipo.

Por tais motivos, apresentamos uma problemática de intervenção em que aparecem problemas e objetivos mais operacionais que ajudam a delinear os primeiros traços do protótipo, ou pelo menos o que se imagina dele. Assim, para chegarmos na problematização do tema, é preciso compreender que o século XXI trouxe mudanças em todo o campo social.

Um dos elementos mais significativos é marcado pela cultura digital, que rompe as barreiras do tempo e espaço, onde a rapidez das informações e dos processos são o cerne de direcionamento dos acontecimentos, caracterizados por uma velocidade instantânea, muito célere nos processos comunicacionais. Sobre o conceito:

Cultura digital é um conceito amplo, que pode envolver e desenvolver ações em meios *offline* e *online*, proporcionando a reconfiguração dos espaços de atuação e a própria atuação dos sujeitos, mergulhando a sociedade em um novo modelo cultural que se caracteriza pelas diversas possibilidades que as tecnologias digitais oferecem ao homem (Santos, 2013, p.74).

Por conseguinte, a Cultura Digital nasce, segundo Cordeiro (2014) “no momento em que surge o processo de digitalização, ou seja, no momento em que o homem começou a criar códigos binários e transformar os produtos da cultura do formato analógico em conjuntos de dígitos (zero e um)”. Em consonância com Santos (2013) e Costa (2008), o termo digital, quando relacionado à cultura, envolve diversas conotações, incluindo o acúmulo de dados, a manipulação de informações e a ampliação das possibilidades de participação e comunicação em diferentes aspectos da vida social.

A velocidade instantânea altera e é alterada drasticamente as maneiras de ser, fazer, sentir e pensar, e por conseguinte, acaba por modelar decisivamente todos os setores, sejam eles os de produção social, cultural ou econômica. Assim, conforme Castells (2008, p. 8), “[...] atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores”. No entanto, como essas transformações chegam na escola pública?

A celeridade na produção do conhecimento e o acesso à rede de informações ainda não é algo normatizado no ambiente escolar, visto que a falta de uma rede de acesso à internet de maneira abrangente, e sem entraves, não é algo comum nas práticas diárias desse ambiente formativo e de produção de conhecimento. Podemos evidenciar vulnerabilidades de todos os tipos nas escolas, desde acesso à banda larga de qualidade aos dispositivos, o que significa que as insuficiências detectadas não ficam somente a cargo da infraestrutura, atingem a formação de professores e repercutem diretamente na formação dos estudantes para a vida e para o mundo do trabalho.

Tais questões exigem conhecimento e autonomia no manejo dessa tecnologia, que vão do conhecimento dos protocolos, linguagens, até as questões de segurança e governança em um contexto de tecnologia digital, que envolvem, segundo Sabillón e Bonilla (2018), letramento digital. Assim, temos uma problemática que repercute diretamente na construção da democracia e da cidadania no contexto contemporâneo, visto que pensar o letramento digital vai além de ser um leitor de telas ou de saber digitar.

Pensar a educação exige levar em conta a cultura digital, ou seja, envolve refletir sobre a base material onde se estabelecem as interações socioeconômicas e culturais do nosso tempo, onde o ser humano constrói sua existência (Assis; Pretto, 2008). Uma nova geopolítica entra em cena, criando e configurando territórios, dos conectados aos desconectados, dos consumidores ou usuários, interagentes, produtores de conteúdos, donos das *Big Techs*, as grandes plataformas que dominam o mundo, gerenciando dados e perfilando comportamentos que vão do consumo diário às decisões políticas (Morozov, 2018; Amadeu, 2021). Ou seja, uma reconfiguração daqueles que dominam e dos que são dominados, o que coloca em jogo a privacidade, a liberdade e os direitos.

A educação é fundamental pois ela tem a possibilidade de instigar um olhar questionador, inquieto, desconfiado em relação a um cotidiano cada vez mais pautado pela naturalização de fenômenos. O que chama a atenção nesse momento é uma rotina que tudo acontece através de uma performance de aparelhos, *softwares* e algoritmos que passam a ser quase imperceptíveis, uma vez que nos fidelizamos a um determinado tipo de tecnologia digital, ou de alguns tipos de serviços que passam a ser oferecidos por empresas que monopolizam o mercado.

Assim, ao nos deixarmos levar tanto pelos discursos como pelas soluções mais fáceis (*fake news*, desinformação, softwares e aplicativos, plataformas, etc.), nossas vidas estão sendo afetadas por uma nova formulação da “língua escrita e falada, as ideias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana” (Assis; Pretto, 2008, p.80). Portanto, não podemos esquecer da nossa necessidade de questionar e refletir sobre as implicações daquilo que nos é oferecido materialmente para tomarmos nossas decisões, das mais hodiernas às mais complexas.

Esse dinamismo, que envolve a necessidade de compreensão de lógicas perversas ou não, que o ambiente da escola pública precisa ficar atento. Um exemplo básico é o uso da

internet, que ainda não se configura em algo potencialmente distribuído com equidade nas escolas públicas brasileiras. No caso de escolas localizadas nos bairros periféricos da cidade de Salvador, estar conectado apresenta-se como algo ainda muito singular quando se refere ao acesso livre. O uso da rede ainda é limitado e não existem práticas culturais consolidadas dentro das escolas que garantam o convívio de tecnologias diversas permeando o currículo.

Não obstante, até mesmo os próprios dispositivos móveis dos estudantes são vistos como um problema. A distância em relação à compreensão das relações entre educação e tecnologia, ou melhor, entre o contexto contemporâneo, levou à construção de um projeto de lei para proibir o uso de celulares nos ambientes escolares em Salvador. Tema antigo, que mais uma vez retoma o cenário educativo, e só tem a mostrar os avanços e recuos de um campo em constante tensionamento que é o da educação. Destaca-se também que a escola onde atuo, enquanto território que abriga uma diversidade de relações e processos, é também atravessada por resistência e currículos conservadores. Como território de disputas, está envolta por avanços e retrocessos que fazem parte de seu cotidiano, o que tem impedido o desenvolvimento da cultura digital dentro de seus espaços e, conseqüentemente, a incorporação das tecnologias digitais como estruturantes dos processos educativos.

As tecnologias digitais e o uso da internet ainda não foram incorporados dentro de uma perspectiva estruturante, de construção de uma cultura digital e, portanto, ainda não reverberam nos territórios escolares o uso de múltiplas linguagens, que promovam a formação de cidadãos críticos. As disparidades no ambiente escolar tornam o uso e acesso à tecnologia algo pontual e isso repercute na falta de entendimento sobre a importância de fomentar aprendizagens colaborativas e em rede.

A dificuldade de compreender o contexto digital através da longa trajetória da proibição ou aceitação do uso da tecnologia está presente inclusive nos dispositivos móveis dentro da escola. Tema controverso é o que envolve o debate em torno da proibição do uso dos celulares nas escolas brasileiras e o uso do dispositivo na escola e durante as aulas, tanto é que foi criado um projeto de lei que está encaminhando a proibição do uso dos dispositivos nas escolas brasileira, o Projeto de Lei 104/105 (Brasil, 2023).

Essa postura nos inquieta pois estamos nos referindo a jovens que nasceram no contexto da cultura digital e provavelmente terão de aprender a viver, sobreviver e trabalhar em contextos conectados. Como a educação básica possui dispositivos ainda muito frágeis para tomar para si a responsabilidade formativa de maneira mais contundente e segura, cria-se

um distanciamento entre as transformações que vêm ocorrendo ao longo dos anos na sociedade digital e o processo formativo e de produção de conhecimento desenvolvido nas escolas. Os estudantes da geração da cultura digital vivem uma relação imbricada na interação constante com o uso do celular e da internet. Eles acessam diversas plataformas de jogos, vídeos e imagens. A percepção interativa permite experiências diferentes ao conectar de maneira rápida à informação que desperta o interesse, pois são bombardeados com uma infinidade de informações, as quais, na maioria das vezes, não são interpretadas de forma cuidadosa.

A escola, por conseguinte, ainda não criou mecanismos para lidar com esse modelo de rapidez e superficialidade das informações apresentado no cotidiano. Não obstante, fica cada vez mais distante uma formação que favoreça aos estudantes oportunidades de conseguirem acompanhar as transformações comunicacionais, tecnológicas e políticas que o contemporâneo demanda. Essa lacuna pode causar constrangimentos para apropriarem-se de novos saberes e lograr êxito diante dos desafios diários. Nossa preocupação vem acompanhada da constatação de que a maior parte da juventude que frequenta a escola pública pertence às classes populares, as quais sofrem com a falta de acesso a diferentes linguagens tecnológicas.

Conforme Bonilla e Pretto (2015), os dispositivos fixos ou móveis interligados em redes, geograficamente distantes, podem ser a base da construção coletiva de projetos, motivando as autorias coletivas com produções colaborativas, focando numa construção que permite contribuições de múltiplos sujeitos sociais. Conforme Pretto:

o analfabeto do futuro será aquele que não souber ler as imagens geradas pelos meios eletrônicos de comunicação. E isso não significa apenas o aprendizado do alfabeto dessa nova linguagem. É necessário compreender que esse analfabetismo está inserido e é consequência da ausência de uma razão imagética, que se constitui na essência dessa sociedade em transformação (Pretto, 2013, p.122-123).

A citação de Pretto (2013) dialoga com a presença massiva da produção de imagens que circulam, ou são produzidas nas redes sociais. O texto de Giselle Beiguelman (2021) nos faz compreender que a produção da imagem no contemporâneo é um dos principais elementos do embate político, constituindo-se em um campo de disputas narrativas (*memes*, *hashtags*, vídeos curtos e microtextos de poucos caracteres que buscam influenciar a opinião pública), que envolve por completo nossas subjetividades, emoções, linguagens e escolhas.

Agregado ao potencial da produção de imagens, temos a característica do digital em rede, que pode colaborar para criar alternativas além daquelas relações de domínio presentes nos territórios. Um exemplo comumente encontrado está na construção da comunicação. Nos deparamos com um modelo instituído que prevalece a uniformização e concentração do poder da mídia, ou de quem produz e emite de maneira centralizada, padronizada, homogeneizando padrões, informações e cultura. Conforme Pretto (2013), precisamos democratizar não apenas as mídias, mas a construção de cultura, ciência e seu compartilhamento. Dessa maneira, produzimos “Resistência no sentido de que o desenvolvimento dessas novas tecnologias favorece um aumento nas possibilidades de comunicação entre pessoas e culturas, mas, ainda assim, isso se dá de forma potencial [...]” (Pretto, 2013, p. 68).

Conforme Pretto (2013), compreender a colaboração dentro do processo educacional na formação dos professores e estudantes requer uma postura ampla de ir além de conteúdos instrucionais e espaços restritos às salas de aula. Conceber a perspectiva da coletividade e a construção de saberes através de vivências e experimentação, valorizando a realidade dos territórios, são premissas que devem se configurar na prática. Nesse sentido, cabe pensar nos estudantes e professores enquanto cidadãos imersos em um contexto digital, que sofrem e praticam ações a partir de três dimensões de mobilidade presentes nas relações sociais.

Segundo André Lemos (2009), as relações sociais são caracterizadas em três dimensões que podem ser definidas na mobilidade física, essa a cada momento mais presente nos dispositivos móveis que, desde seu lançamento para o público, vêm diminuindo em tamanho, porém executando uma variedade de processos. A mobilidade informacional delibera sobre o acesso a rede de internet que nem sempre está disponível à todos, mesmo tendo um dispositivo móvel ou muitas vezes o que fazem as operadoras que controlam, monopolizando o acesso à informação, fecham pacotes de dados que controlam o acesso, liberando apenas redes sociais específicas.

Um tipo de mobilidade tem sempre impacto sobre outro. A mobilidade informacional-virtual tem impacto direto sobre a mobilidade física e sobre o lugar e o espaço onde opera, e vice-versa. Não podemos dissociar comunicação, mobilidade, espaço e lugar. A comunicação é uma forma de "mover" informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade e espacialização (Lemos, 2009, p. 28).

Assim, lançando mão da produção colaborativa, podemos produzir ou checar informações, buscar dados e conteúdos, criar redes colaborativas para trocar saberes e

experiências, enriquecer o processo educacional. Essa prática torna-se fator primordial para ampliar o processo de construção e compartilhamento do conhecimento como algo dinâmico que necessita de contribuições de todos, indo além da dimensão escolar.

Conforme Pretto (2017), a filosofia hacker ou filosofia *open* tem como ideologia primordial os movimentos de defesa do acesso ao conhecimento livre, aberto e busca aprimorar a aproximação entre normas e ações dos softwares livres e as licenças livres *copyleft* e *Creative Commons*. Nessa perspectiva, pautar a filosofia *hacker* é de suma importância na construção de uma educação aberta, criativa e colaborativa, onde o aluno e o professor consigam ultrapassar a perspectiva de meros consumidores, usuários de dispositivos tecnológicos e se transformem em protagonistas no cenário escolar ao produzir conhecimento livre e aberto. Trataremos em outro capítulo da perspectiva hacker em educação, mas podemos antecipar dizendo que é a perspectiva da colaboração, da abertura, da generosidade e da liberdade em relação à construção do conhecimento (Himanen, 2001; Bonilla; Pretto, 2015).

O objetivo é articular o potencial das tecnologias com as relações existentes entre a escola onde a pesquisadora atua e o Parque São Bartolomeu (PSB), que faz parte do entorno dessa comunidade escolar. Os elementos fortalecem um ao outro na medida que queremos tratar da educação como um elemento significativo e fortalecido, valorizar o Parque São Bartolomeu (PSB) como acontecimento, não apenas histórico e ambiental, mas também de vida de toda a população que o circunda, e acionar as linguagens tecnológicas (produção de conteúdos) como estruturantes dos processos formativos. Pensamos que estudar o PSB abre possibilidades de estudar tanto o seu presente e suas problemáticas, como o seu passado através dos vestígios e das matrizes históricas. O estudo ainda poderá proporcionar outro entendimento das relações de pertencimento, do território, das antigas e novas formas de comunicação, do velho e do novo ambiente que se forma e se transforma com a ação do tempo e em decorrência das transformações ocasionadas pela ação humana.

Os territórios são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado (Santos, 1996). Ele também pode ser pensado a partir das ambiências, pois nele o sentir, viver e conceber é tratado por Lefebvre (2008) e Santos (1996), uma vez que as relações de pertencimento com o território transbordam eferescência de sentimentos. O Parque São Bartolomeu apresenta proeminente relevância ao contar a história da população baiana, e na atualidade agrega valor ao ser um dos poucos espaços públicos onde o contato com a natureza fica tão próximo. Apesar de ser retratado diariamente nos

jornais como palco urbano de violência, com a população desassistida em vários de seus direitos pelo poder público. Ainda assim, existe uma vivência invisibilizada de outras territorialidades e subjetividades que coexistem e pretendemos desvelar a partir da produção de diversas linguagens em coautoria com a comunidade escolar e seu entorno.

A justificativa do protótipo (Projeto de Intervenção) parte das vivências da pesquisadora no contexto da comunidade do Colégio, que tem como entorno o Parque São Bartolomeu. Foram essas experiências, marcadas pelo desejo de oferecer uma educação de qualidade aos estudantes, que acionaram a busca dos conhecimentos adquiridos tanto na graduação de Engenharia, como também na licenciatura em Geografia.

A busca por formação continuada teve sempre no horizonte o objetivo de criar maneiras de melhorar a prática na educação básica. Outro motivo foi a necessidade de contar a história da Bahia, dando a devida importância ao PSB, como local de resistência, palco de batalhas, que ainda guarda resquícios memoráveis na sua paisagem e mantém-se como local de diversidade. Comungando com o pensamento de Callai (1988, p. 101), a educação almejada pela Geografia é pautada na autonomia dos sujeitos, para tanto, precisa fomentar o pensamento criativo e conseguir fazer a leitura do mundo em que vivem. De acordo com Callai (1988)

A identidade entre as pessoas de um lugar é inequívoca. Talvez seja exatamente por aí que resida a possibilidade de superar a homogeneização imposta pela globalização. A nossa diferença como cidadãos de um determinado lugar é que nos leva à construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar em si, mas das pessoas que vivem ali e produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciações internas (Callai, 1988, p. 120).

A ânsia por resgatar a escola como um local acolhedor, mas principalmente significativo e atrativo do ponto de vista do espaço onde se constrói conhecimento, levou a pesquisadora a se indagar sobre as possibilidades que teria a criação de um banco de dados (conteúdos em diversas linguagens) do passado e do presente "as relações vividas, concebidas e percebidas", históricas e geográficas do Parque São Bartolomeu e seu entorno.

A produção de conteúdos digitais no processo de ensino de Geografia no ambiente escolar surge do pensar a educação a partir de práticas colaborativas de produção de conhecimento aberto, pautada na melhoria da educação básica, almejando despertar no aluno

o protagonismo na criação de linguagens, tanto analógicas como digitais, considerando a importância de autoria no processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, entra a produção de imagens, que, de acordo com Santaella (2015), conta a história da sociedade, se entrelaça com três matrizes da linguagem: a do pensamento, a sonora, a visual verbal e não verbal. Elas se complementam e são insubstituíveis, potencializando-se nos lugares, evoluindo desde as relações e interações sociais, culturais e de sobrevivência da espécie. Essas imagens, que se entrelaçam com a história da humanidade, hoje são imprescindíveis para o estabelecimento da comunicação e informação.

De acordo com Pretto (2013), as imagens assumem novas formas e percepção conforme os dispositivos tecnológicos com avançadas possibilidades de interação atingem um maior público ao alcançar lugares variados num espaço mínimo de tempo. A rapidez da informação possibilita uma interação, acabando com as escalas espaciais e temporais.

O trabalho se justifica, ainda, na medida em que considera de suma importância um olhar acurado para a possibilidade de trabalho com o uso da produção de conteúdos digitais abertos no ambiente escolar, no intuito de poder proporcionar um aprendizado significativo, com exemplos, modelos e processos de criação junto aos estudantes da escola estadual localizada na periferia de Salvador. Em virtude disso, ao falar em periferia, é preciso entender a cultura e as características que esse ambiente proporciona.

Os moradores e estudantes de áreas periféricas, muitas vezes, não conhecem a história do local onde moram e, por isso, acabam não se sentindo pertencentes a esse lugar. Por esse motivo, a produção de imagens não está vinculada especificamente ao ensino da Geografia, mas nas maneiras do cidadão apropriar-se e construir o espaço em que habita. Dominar o espaço através de imagens, mapas, conteúdos que digam sobre seu lugar é lutar politicamente por ele, por sua preservação, manutenção e bem-estar de todos.

O uso dessa tecnologia da informação e comunicação (TIC) serve como um importante dispositivo que busca resgatar e tornar acessíveis conteúdos que colaborem para a preservação da memória local, tanto dos aspectos ambientais como culturais. Acreditamos que o protótipo que iremos construir possa colaborar para aprofundar os conhecimentos em relação a esse espaço tão vasto e rico, permitindo a oportunidade para que a própria comunidade, e especialmente os estudantes, possam reconhecer as potencialidades ali presentes e se perceberem enquanto atores transformadores da sua realidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento do lugar que habitam.

Segundo Milton Santos (1999, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”, assim, o sentimento de pertencimento ao lugar reflete o apego e a identidade ao lugar. Ainda de acordo com Santos (2007), o homem necessita de dois aspectos: o material e o imaterial, para sua completa realização, indo além do que é pensado pelos governantes e economistas, que não dão a devida importância cultural na criação da cidadania. Acompanhando esse pensamento, nosso problema de pesquisa foi saber como a produção de conteúdos brutos ou granulares pode contribuir nas práticas educacionais, recriando memórias do Parque São Bartolomeu?

Assim, tivemos como objetivo geral desta investigação, compreender de que maneiras a comunidade escolar interage com o Parque São Bartolomeu, e como essa interação reverbera na construção das práticas pedagógicas, construção de conteúdos e práticas formativas. Como objetivos específicos, buscamos compreender como a comunidade escolar: estudantes, professores, coordenação e gestão escolar concebem/percebem essa Área de Proteção Ambiental (APA); analisar como professores criam práticas pedagógicas e como os conhecimentos oriundos desse lugar estão integrados ao cotidiano da escola; verificar que conhecimentos são produzidos e ressignificados a partir de suas interações com as experiências desenvolvidas no Parque São Bartolomeu; compreender como a comunidade do entorno têm participado ou colaborado na construção dessas práticas educativas e por fim, a construção do próprio protótipo como um elemento a ser compreendido pela comunidade.

O protótipo traz como proposta inicial a construção colaborativa aberta, que visa:

- Construir um banco de dados com imagens estáticas e interativas, vídeos, sons, áudios, escuta sensível, conteúdos granulares de elementos do Parque São Bartolomeu, que serão hospedados em sítios que abriguem licenças livres;
- Disseminar a prática de produção de educação aberta através da autoria, do protagonismo e de licenciamentos livres;
- Explorar a realidade virtual e aumentada, mobilizando a construção de outras experiências de aprendizagem e modelagem de conteúdos com professores e estudantes.

Pretendemos apresentar um protótipo que inspire, motive e favoreça a criação, produção e compartilhamento de conteúdos digitais que envolvem diversas linguagens. Os

conteúdos podem ser imagens estáticas ou em realidade virtual e aumentada, podcasts, vídeos, gravações na rádio escolar, história oral, etc.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho baseia-se em uma perspectiva qualitativa, visto que, de acordo com Minayo (2008), os instrumentos de trabalho nesse tipo de investigação permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. As investigações evidenciam a descrição dos fenômenos, que dialoga com as percepções acerca da pesquisa acadêmica: garante o rigor, não sendo engessada, presa a preconceitos determinantes. Ainda conforme Minayo (2008):

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2008, p.57).

Consideramos, portanto, que a abordagem qualitativa, para o trabalho ora em desenvolvimento, é a mais adequada, visto que buscamos fazer investigações de segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob o ponto de vista dos atores sociais, de relações e para análises de opiniões e documentos. Por conseguinte, imaginamos uma avaliação qualitativa da experiência dos indivíduos no contexto escolar, suas percepções, problemas, contextos e rotinas. Contudo, devemos ter cuidado para não comprometer a seriedade do estudo, prestando atenção nas análises críticas, nos fundamentos teóricos e no respeito e dedicação aos sujeitos pesquisados e à pesquisa (Macedo, 2009).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, segundo os autores Denzin e Lincoln (2006), o método atravessa sete momentos históricos. O atual é o da pós-modernidade, em que não há espaços para métodos ou teorias absolutas. Estando assim, em consonância com o cerne deste trabalho, que opera sob a perspectiva da necessidade de uma reconfiguração nos modelos educacionais brasileiros. Assim, conforme Galeffi (2009), pensar com rigor na pesquisa qualitativa implica entender sua contraparte complementar: a flexibilidade. Eles caminham juntos, "pois a rigidez excessiva precisa ser ajustada ou balanceada com a flexibilidade, assim como a flexibilidade excessiva precisa ser ajustada com um tensionamento adequado” (Galeffi, 2009, p.38)

A presente pesquisa investiu no desenvolvimento de metodologias que proporcionaram construir coletivamente processos criativos, inventivos, significativos e

singulares na/com a escola, os quais partiram do cotidiano de professores, gestores e alunos, buscando viabilizar a criação de um ecossistema que orientasse práticas pedagógicas e políticas.

A ideia central foi a construção de uma ambiência investigativa de “Intervenção” no cotidiano da comunidade escolar e seu entorno que valorizasse e estimulasse a compreensão do sensível, das vivências cotidianas, do afeto, da leitura, do espaço em suas diversas nuances e matizes. Assim, a estética da pesquisa foi mapear e estimular a criação de ambiências formativas, que propícias a constituir espaços experimentais para a produção de um protótipo. A finalidade de constituir esse protótipo foi organizar e sistematizar toda a produção realizada nas diversas experiências de ambiências pedagógicas e de experimentação coletiva e colaborativa, mapeando tanto a criação dos melhores dispositivos e metodologias para a escuta e produção de conteúdos.

Adotamos uma orientação de participação dos pesquisados em todo o processo, o seu envolvimento foi algo preponderante para compreender a dinâmica do lugar e a interação dos alunos e professores. Cabe ressaltar que o rigor na construção dos dados foi uma busca permanente da pesquisadora. A pesquisa teve como público professores, alunos do Ensino Médio, Coordenação e Gestão Escolar. A escolha dos participantes decorreu do fato de serem alunos que já moram e estudam próximos ao parque. Outra prerrogativa é buscar compreender como são fundamentadas as relações deles com o parque.

A escolha do espaço investigativo deu-se por três motivos: em primeiro lugar, porque é o espaço de trabalho da docente-pesquisadora; em segundo lugar, porque o Parque São Bartolomeu, que faz parte do seu entorno, também é o ambiente das práticas educativas constantes desenvolvidas pela comunidade escolar. Outro critério de importante relevância é a facilidade de deslocamento da comunidade docente até o parque. A questão da mobilidade cria condições favoráveis no desenvolvimento das visitas pelos atores, pois vivem no seu entorno.

A formação do cidadão se dá com base nos estudos dos grupos humanos, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças (Angrosino, 2009, p.30). Nessa perspectiva, compreender as relações de pertencimento e autonomia, criar condições de permanência e memória, faz da pesquisa qualitativa um campo de possibilidades. Ao envolver os sujeitos em momentos de reflexões, ações práticas, e

educacionais, fortalece coletivos e comunidades, possibilitando construir soluções para as dificuldades do cotidiano.

Baseado no pensamento de Denzin (2006) e Minayo (2008), que destacam o envolvimento e sensibilidade na coleta de dados, indicando que o pesquisador precisa manter o rigor na pesquisa, sem ser rígido e inflexível, mas equilibrando conhecimentos empíricos (experiências pessoais, história de vida e percepções visuais) com o conhecimento teórico que interagem em campo (Galeffi, 2009). Assim, tentamos buscar alternativas para a construção de um protótipo que favoreça práticas coletivas, processos criativos, inventivos, significativos e singulares na/com a escola, que partam do cotidiano de professores, gestores e alunos, buscando viabilizar a criação de um ecossistema que oriente práticas pedagógicas e políticas.

A finalidade de constituir o protótipo é organizar e sistematizar toda a produção realizada nas experiências de ambiências pedagógicas e de experimentação coletiva e colaborativa, criando um mapeamento interativo com diversidade de conteúdos abertos. Essa coleta se dará com entrevistas, fotos, imagens e mapas mentais que serão catalogados.

A pesquisa qualitativa em educação se referenciou na abordagem interventiva, teceu o levantamento dos dados a partir da Roda de Conversa, que foi escolhida como principal dispositivo na coleta de dados, promovendo um espaço dialógico e reflexivo entre professores, coordenação e gestão escolar. O dispositivo permitiu que os participantes compartilhassem suas visões sobre o Parque São Bartolomeu, revelando tanto aspectos positivos quanto desafios enfrentados. Seguindo os parâmetros da Pesquisa Interventiva, a análise qualitativa permitiu uma visão crítica dos temas levantados, contextualizando as vozes dos participantes.

A produção de dados ocorreu da seguinte maneira: a comunidade escolar foi convidada a participar de rodas de conversa, onde estimulamos um momento de reflexão sobre a importância do parque para os processos formativos que acontecem em nossa escola. As subjetividades, os valores de coletividade e colaboração foram ponto de partida nesse trabalho, que teve um cronograma construído com três momentos de conversa e partilha de experiência sobre o parque. Em um segundo momento, realizamos oficinas de fotografia e visitas ao parque, objetivando a criação de marcadores, nos quais os grupos tiveram papel central em contribuições valiosas para a pesquisa (produção de imagens, fotos, desenhos, vídeos, áudios).

Desses dados surgiu o protótipo, que tem como previsão ser apresentado em dezembro de 2024, junto à gestão, coordenação pedagógica, docentes e estudantes do Colégio, com o intuito de ressignificar a relação entre a escola e o parque. Os docentes foram convidados a participar desse momento de reflexão sobre a importância do parque para toda a comunidade escolar. As subjetividades, os valores de coletividade e colaboração serão ponto de partida nesse trabalho, que terá um cronograma construído daí pra frente com a escola e sua comunidade. Com momentos de conversa e partilha de experiência sobre o parque; em um segundo momento, a realização de oficinas de conteúdos (fotografia, áudio, vídeo, desenho, realidade aumentada), e visitas guiadas ao parque.

Para registro formal, usamos o diário de campo para sistematizar os acontecimentos e refletir sobre os movimentos no dia a dia da comunidade e da escola em análise. De acordo com Geertz (2008), a descrição precisa ser detalhada para identificar as expressões, conhecimentos e normas de um determinado grupo social, visando à compreensão dos significados culturais. Portanto, o uso do diário de campo para anotações da pesquisa auxiliou na organização das informações, na análise teórica e compreensão dos movimentos culturais dos praticantes do dia a dia em relação à cultura digital.

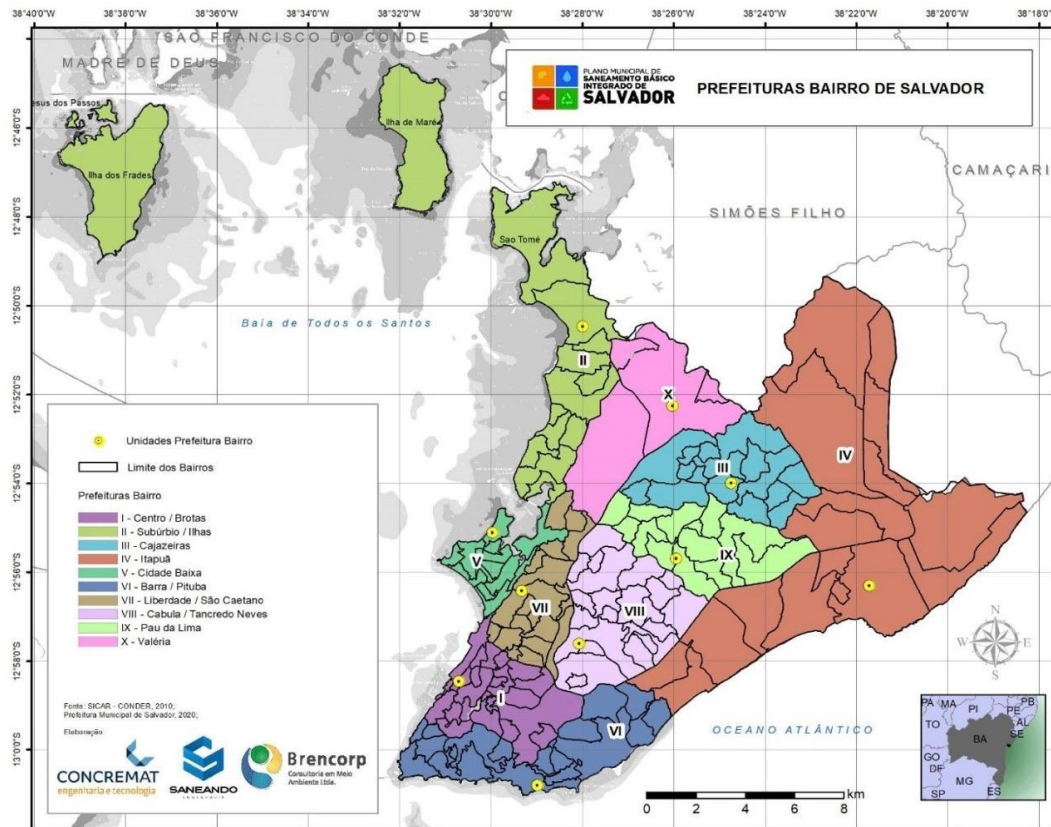
O processo de análise das informações na pesquisa consiste em estruturar de maneira sistemática todos os materiais coletados em campo, a partir dos equipamentos usados, e relacioná-los com as bases teóricas do pesquisador. A análise abrange elementos importantes para a transmissão dos conhecimentos gerados na pesquisa, tais como a estruturação de todas as informações, a subdivisão em unidades e a seleção dos elementos relevantes que serão transmitidos. Assim, empregaremos a Análise Textual Discursiva como abordagem metodológica, que, conforme Moraes e Galiuzzi (2011, p. 7), trata-se de "um método de análise de dados e informações qualitativas com o objetivo de gerar novos entendimentos sobre fenômenos e discursos".

2.1 CARACTERIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO LOCUS DE PESQUISA

O sítio urbano da cidade do Salvador, segundo Gordilho (2008), segue um modelo de divisão conforme o que se define como Miolo, Subúrbio, Orla e Centro. Essa pesquisa, porém, busca compreender a dinâmica no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador, que

dispõe de 22 bairros, onde moram 24,55% da população soteropolitana, ou seja, lá estão cerca de 600 mil habitantes.¹

FIGURA 1 - Mapa dos bairros de Salvador



Fonte:

¹ Disponível em: <https://desal.salvador.ba.gov.br/patrimonio-e-debate-memoria-e-cultura-do-suburbio-ferroviario/>

FIGURA 2 - Localização do Parque São Bartolomeu no contexto das demais áreas protegidas.

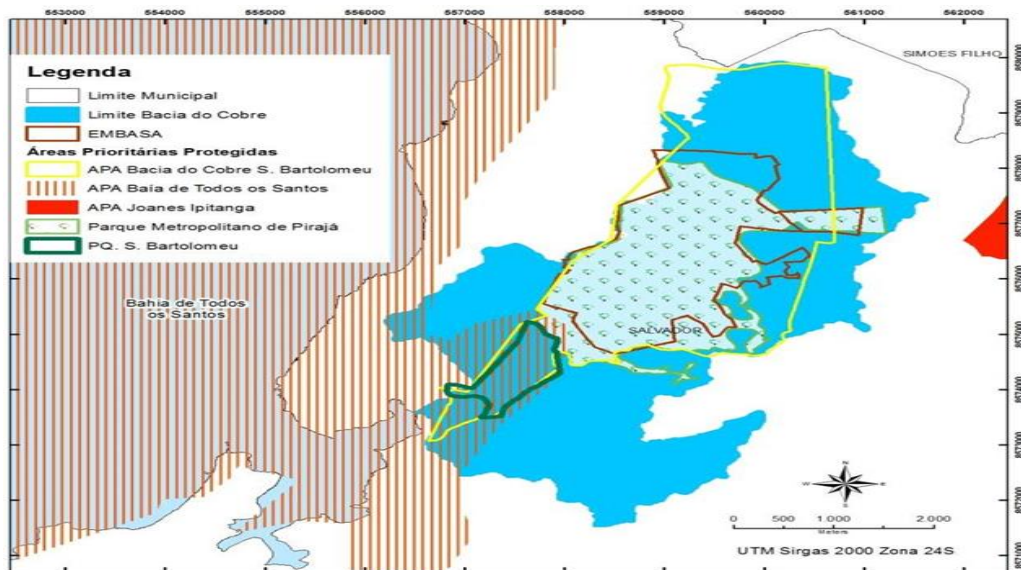
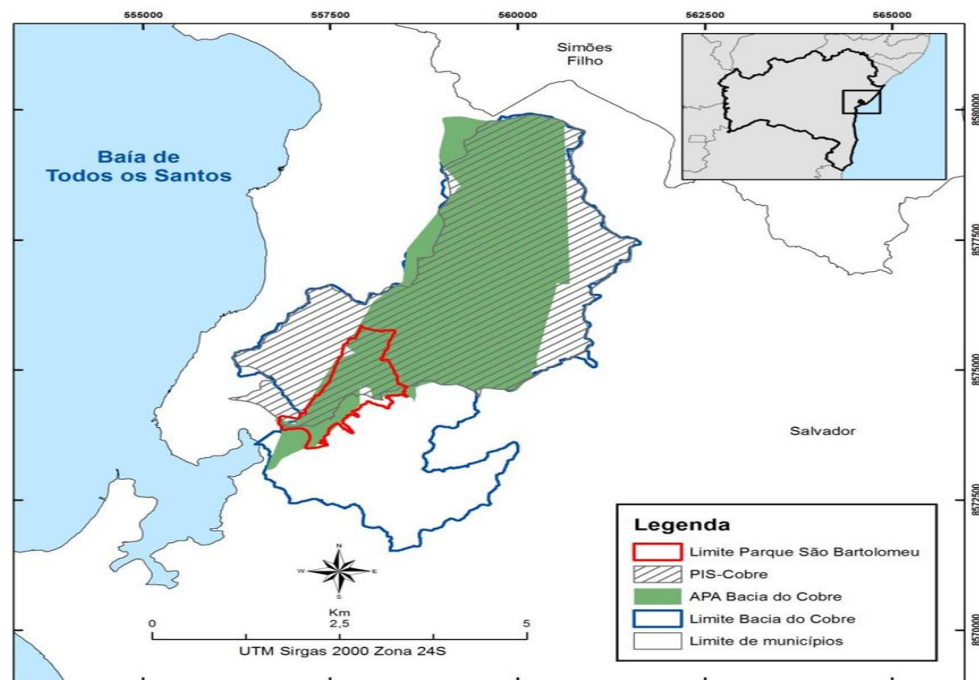


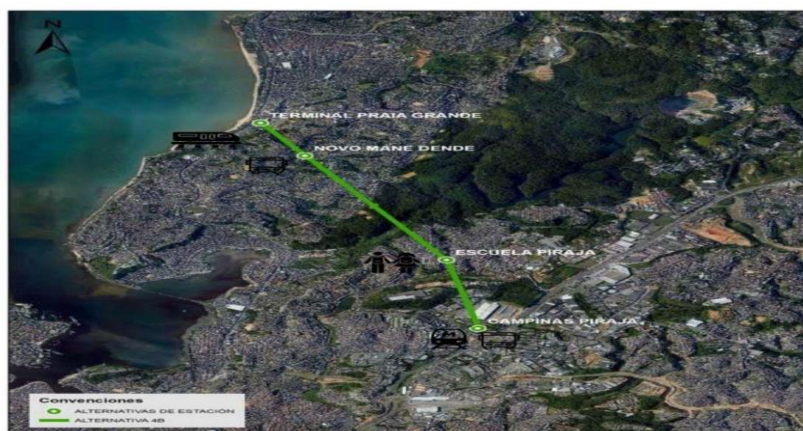
FIGURA 3 - Área de estudo (local), Parque São Bartolomeu (PSB) – sobreposto com a APA Baía do Cobre/São Bartolomeu, situado na Baía do Cobre e entorno com os limites da PIS-COBRE (Poligonal de Intervenção Social), Bahia, Brasil.



Fonte: IBGE, 2022.

FIGURA 4 - Localização das instituições avaliadas no entorno do Parque São Bartolomeu

FIGURA 6 - Teleférico Salvador



Fonte: <https://www.docdroid.net/h8qGUr0/relatorio-final-teleferico-de-salvador-pdf#page=28>

Corroborando com essa ideia, Santos (2002) declara que “é o uso do território e não o território, em si mesmo, que faz dele objeto de análise social, o território em questão é o território usado”. Compreende-se que o território não pode ser visto apenas na dimensão do espaço físico, mas deve resgatar histórias, fatos e as práticas do cotidiano das comunidades.

2.2 O COLÉGIO ESTADUAL LUÍS ROGÉRIO DE SOUZA

O Colégio Estadual Luís Rogério de Souza fica no bairro de Plataforma, na Rua Deográcias Manoel dos Santos (s/n), Salvador, Bahia, CEP: 40483-140. Essa localização estratégica permite fácil acesso à Avenida Suburbana, margeando o Parque São Bartolomeu, além da proximidade dos bairros de Ilha Amarela, Bariri e Itacaranha.

No ano de 1982, foi construído o Colégio Estadual Luís Rogério de Souza (CELRS) com o intuito de atender à comunidade no Conjunto Baía de Todos os Santos, porém, como é limítrofe com outro Conjunto, o Senhor do Bonfim, atendia também os moradores que ali residiam. O CELRS sempre teve grande respaldo da comunidade, o que servia como atrativo para vários alunos dos bairros vizinhos por conta do bom trabalho desenvolvido na unidade escolar. Inicialmente, o colégio funcionava com turmas de Ensino Fundamental II, mas a

partir de 2009, com aumento significativo da demanda, houve a necessidade de ampliação para turmas de Ensino Médio.

O CELRS se tornou referência no subúrbio, com projetos que contemplam uma educação ampla para um total de aproximadamente 560 alunos, do ensino médio (1º, 2º. e 3º. anos), sendo dos respectivos turnos matutino e vespertino. Distribuídas da seguinte maneira, no turno matutino a escola conta com 03 (três) turmas de: 1º., 2º. e 3º. anos respectivamente, totalizando nove turmas. No que tange ao turno vespertino, a escola tem disponível um total de 5 (cinco) turmas, sendo: 02 (duas) do 1º. e 3º. anos e 01 (uma) turma do 2º. ano.

No que se refere à infraestrutura, integram o ambiente escolar espaços como a horta e a rádio comunitária escolar, onde os alunos se mobilizam até os dias atuais, além de contar com a inserção da comunidade na construção de saberes. Com o IDEB 2,4 (2023), o CELRS funciona nos três turnos, com turmas de Ensino Médio no diurno, e no noturno atende os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Vale ressaltar que, no que se refere aos alunos do noturno, as turmas têm um público específico, contando com uma faixa etária entre 55 a 60 anos de idade. O colégio é palco de grande efervescência, pois é uma das poucas escolas do subúrbio que tem uma rádio em funcionamento. Além dos projetos que são desenvolvidos durante o ano letivo, a exemplo, temos um em específico, que é a Feira de Saúde. Esta oferece uma série de serviços à comunidade escolar e do entorno, contando com minicursos, palestras, direcionamento a serviços, além das apresentações feitas por alunos.

Atualmente, o CELRS conta com um total de 18 (dezoito) professores, sendo 12 (doze) deles do quadro efetivo permanente do serviço público estadual e 6 (seis) do Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), que são prestadores de serviço a partir de processo seletivo com prazo estabelecido que costuma ser de 1 (um) a 2 (dois) anos, cabíveis de prorrogação por igual período. Quando nos referimos ao bom funcionamento do CELRS, precisamos ressaltar a importância do quadro de colaboradores que a abraçam para termos êxito no desenvolvimento dos projetos propostos durante o ano letivo, pois os resultados são frutos da construção coletiva. O CELRS conta com o seguinte quadro de funcionários:

Quadro 3 - Colaboradores do CELRS

Função	Quantidade
Administrativo	04
Apoio	03
Administrativo	04
Coordenadora	02
Cozinha	06
Diretor	01
Disciplina	03
Porteiro	02
Professores	18
Secretária	01
Vice-diretor	01

Fonte: Elaboração própria, 2024.

FIGURA 8 - CELRS Fachada Paulo Freire

Imagem: Elaboração Própria, 2024.

FIGURA 9 - Radioweb Luís Rogério

Imagem: Elaboração Própria, 2024.

2.3 DISPOSITIVOS DA PESQUISA

Metodologicamente, para chegar aos objetivos propostos neste trabalho, foi necessário seguir alguns passos, os quais colaboraram para a realização da proposta de intervenção desta pesquisa. Assim, realizamos escuta aos praticantes da escola e comunidade do entorno, oficinas e visitas dirigidas ao Parque São Bartolomeu (PSB). Essa metodologia possibilitou criar oportunidades de escuta mais abertas para a produção de dados e engajamento dos praticantes.

Um dos dispositivos de produção de dados foram as visitas dirigidas ao PSB, onde em um dos momentos acompanhamos uma visita guiada no parque, organizada pelos próprios agentes do PSB, que ocorreu em um domingo. As visitas possibilitaram que atravessássemos o PSB acompanhando diversos frequentadores, inclusive um grupo de ativistas denominado “Guardiões do Parque”, proporcionando o diálogo e a escuta de diversos praticantes. Outras visitas foram organizadas durante os dias da semana com professores e estudantes da escola, através dos projetos pedagógicos propostos.

Ao longo do percurso das caminhadas, o pesquisador lançou mão de registros como fotografias, pequenos vídeos e um diário de campo, com anotações de todo o percurso. A pesquisa contou com o auxílio de um bolsista de iniciação científica da área da Geografia, que acompanhou o projeto desde o início. É muito importante ressaltarmos a presença de estudantes pesquisadores das licenciaturas nas pesquisas acadêmicas, principalmente quando envolvem escolas e professores também pesquisadores da educação básica. Nesse caso, há uma grande oportunidade de trocas entre uma professora pesquisadora cursista do mestrado profissional em educação, que também é tutora de pesquisa do estudante da graduação.

Todos os recursos empenhados na construção dos dados investigam como essa comunidade escolar e a comunidade do entorno sentem, percebem, vivenciam as suas relações cotidianas com o Parque São Bartolomeu. Ouvir as narrativas sensíveis desses praticantes que constroem no dia a dia sua sobrevivência e suas identidades, produzem conhecimento, saberes e ciência. A partir da vivência dos praticantes desse lugar, objetivamos, por um lado, construir com eles (comunidade e escola) conteúdos em diversas linguagens que colaborem para que sua relação com o Parque São Bartolomeu seja cada vez mais estreita, e, por outro, que seja expandida para que outras pessoas possam conhecer os que ali habitam, suas práticas cotidianas, sua riqueza histórica e ambiental. Conforme Santos (2013),

o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isso é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (Santos, 2013, p. 114)

Utilizar e construir dispositivos que permitam, através de diversas linguagens, expressar e registrar as variadas manifestações, sentimentos e olhares dos praticantes em relação ao PSB, pode colaborar para o fortalecimento de outras narrativas sobre esse espaço tão rico. Na perspectiva do uso de diferentes linguagens presentes na cultura digital, fica evidente um potencial para a construção de recursos educacionais abertos que podem ser administrados tanto pela comunidade escolar diretamente vinculada a esse contexto, como para uma gama mais ampla da sociedade, como pesquisadores, editores, produtores de conteúdos, etc. De modo que proposições de interações que podem ser apropriadas e utilizadas em diferentes contextos.

Insistimos em construir alternativas que fortaleçam práticas educacionais com a utilização de tecnologias de uma perspectiva estruturante, que colaboram para a formação humana, para o desenvolvimento do conhecimento e principalmente dentro de uma perspectiva de educação aberta. Por isso, tudo que for construído através desse projeto será disponibilizado em domínio público, através de licenças criativas (*Creative Commons*).

Como uma das alternativas, pensamos na necessidade de desenvolver um protótipo baseado em ações colaborativas de produção e resgate de conteúdos digitais e analógicos, que possam ser armazenados num banco de dados além da produção de marcadores. Esse processo permitirá aos alunos do Colégio retratar a sua realidade contada por uma nova ótica, a sua. A produção de conteúdos tem papel ímpar na preservação de várias realidades inerentes às células sociais, que veem a ser o Parque São Bartolomeu, bem como perceber como vivem as populações do seu entorno, como são seus cotidianos, suas maneiras de viver e como se relacionam. Nesse sentido, o uso da tecnologia aberta proporcionará um aprofundamento do conhecer e do se perceber como ator transformador da sua realidade.

2.4 DISPOSITIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE DADOS

A escolha dos dispositivos que devem fazer parte da construção dos dados, zelando pelo rigor da pesquisa sem perder a sensibilidade, requer cuidados, pois o levantamento desses passa por questões de várias ordens que estão intimamente ligadas a valores afetivos, socioeconômicos, culturais e religiosos. Essas questões merecem uma percepção acurada e respeitosa ao adentrar o lugar do outro, pois esse lugar remete a valores que tocam a ambiência e o saber ouvir as diferentes narrativas que toda essa conjuntura de delicadeza e sagrado fala nas entrelinhas com a organização do arranjo espacial. Nessa perspectiva, cabe um cuidado especial na escolha metodológica para a construção dos dados. Comungando com o pensamento de Freire e Shor (1986),

[...] rigor não é sinônimo de autoritarismo, e que “rigor” não quer dizer “rigidez”. O rigor vive com a liberdade, precisa de liberdade. Não posso entender como é possível ser rigoroso sem ser criativo. Para mim, é muito difícil ser criativo se não existe liberdade. Sem liberdade, só posso repetir o que me é dito. Penso que temos de compreender, com paciência, que a questão do rigor na educação libertadora (Freire; Shor, 1986, p. 52).

A escolha foi baseada na ligação entre os atores envolvidos com o Parque São Bartolomeu e/ou Colégio Estadual Luís Rogério de Souza. Assim, foram convidados a participar a comunidade escolar: professores, alunos, gestão, coordenação pedagógica da escola, e também, como se trata de um importante Parque para a formação histórica e cultural do subúrbio, foram convidados alguns pais que aceitassem participar desta Pesquisa Interventiva. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa com abordagem interventiva, alguns caminhos tornaram-se primordiais para seu desenvolvimento. Entendendo a necessidade de ouvir os interagentes dessa pesquisa, a metodologia para a coleta de dados adotada foi a roda de conversa.

A roda de conversa cria condições de interação entre os diferentes participantes, além de promover a escuta sensível, provocando emoções muitas vezes esquecidas, pois emergem recordações além das suscetíveis trocas de experiências. Essa capacidade de saber ouvir o outro com respeito às diferentes falas e pontos de vista dá a esse dispositivo um diferencial,

pois cria condições de ir além de um processo de escuta de uma narrativa, mas permite que os demais participantes exerçam a cidadania na construção dessa pesquisa/interventiva.

Nesse sentido, a pesquisa/interventiva parte de uma ação construída coletivamente, onde a intervenção não é algo arbitrário, mas uma intervenção pensada e construída por várias mãos e planejada para atender os anseios desse coletivo.

Uma característica do que estou denominando de Roda é reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes, até uma linguagem própria (Warschauer, 1943, p. 46).

A educação enquanto promotora da autonomia se faz além da sala de aula com o intuito de provocar inquietações com reflexões, buscando a formação cidadã. Nesse sentido, o pensamento de Freire (1995) é primordial para entender a importância dos saberes coletivos e a necessidade de ouvi-los na busca de promover a cidadania. Conforme Freire (1995), participar coletivamente demonstra a autonomia do sujeito em conhecer e transformar sua própria realidade, sua história, sendo um potente instrumento de luta. De acordo com Freire (2008), o ato de falar e saber escutar vai além de pronunciar palavras, mas se torna o exercício de se tornar um cidadão. Segundo o mesmo,

[...] a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sine qua non da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la (Freire, 2008, p. 73).

Na roda de conversa, o pesquisador torna-se parte do processo de investigação ou ouve histórias e memórias que são de quem conta com seus atravessamentos, que não dizem respeito somente à sua história, mas também de quem as ouve. Assim, os percursos feitos pelos lugares e pessoas ativos na roda de conversa, se entrelaçam às vivências que não são coisas inatas, mas vidas e memórias dos que ali se inserem.

Para tanto, a roda de conversa vai muito além do falar e ouvir, mas ela respalda o processo argumentativo que, corroborando com o pensamento de Warschauer (2001), as posturas de respeito à diversidade, o saber ouvir e falar, resguardam o direito de fala, mas também o superar as diferenças e emoções intrínsecas à capacidade argumentativa de compreender o outro.

A busca por entender os fenômenos sociais a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos, com ênfase nas percepções e subjetividades dos participantes no contexto da educação, com a abordagem interventiva, adquire um papel central, associando investigação acadêmica e intervenção social. Potencializada com o dispositivo da Roda de Conversa sobre o olhar da comunidade escolar sobre o Parque São Bartolomeu, em Salvador-BA, possibilitou destacar os desafios enfrentados por esse espaço histórico-cultural, turístico e ambiental. Ao promover uma reflexão crítica e colaborativa, propiciada pela Pesquisa Interventiva Mpediana, possibilitou a comunidade escolar não apenas identificar os problemas, além de refletirem sobre as estratégias necessárias para a superação desses desafios, a partir do pensamento colaborativo com ações coletivas dos atores que atuam como agentes de transformação, propondo ações concretas para preservar e valorizar o parque.

A Roda de Conversa foi conduzida tendo a participação de estudantes, professores, coordenadoras pedagógicas e gestão escolar, proporcionando um espaço de troca de experiências e opiniões sobre o Parque São Bartolomeu. Esse dispositivo permitiu entender a diversidade de vozes e perspectivas, fornecendo uma visão aprofundada das percepções individuais e coletivas. O uso da abordagem interventiva permitiu atravessamentos, tendo na escuta diferentes narrativas e percepções do que a comunidade pensa e almeja sobre o Parque. A coleta ocorreu com duas rodas de conversas, no primeiro momento com os estudantes e depois com professores, coordenação e gestão.

Esse importante dispositivo de pesquisa, a roda de conversa, promove a cidadania dos atores envolvidos no processo de construção desse Projeto Interventivo. Esse momento de escuta parte do princípio de pensar na coletividade e da importância de pensar suas decisões a partir de saber escutar o outro. Conforme (Warschauer, 2017a), as rodas de conversas que contam histórias que podem ser de ordem individual ou grupais criam pontes que se embasam em tomar consciência do seu poder em decidir, partindo do princípio da importância de uma sociedade participativa e justa. Esse dispositivo de socialização cria percursos que oportunizam aprender a falar e escutar o outro.

O processo pode estimular a exposição de opiniões diversas, sendo possível ocorrer opiniões conflitantes, porém promover esse ato de escuta requer respeito às diferenças de opiniões. Conforme Verônica Almeida e Maria Roseli Sá (2021, p. 953), a Pesquisa Interventiva inova no sentido de integrar práticas colaborativas e participativas.

Esse rol de projetos inovadores, qualificados por pesquisas interventivas, assume o desafio de ressoar positivamente na qualidade da educação local, correspondendo a práticas coletivas, participativas e polifônicas, tendo a pluralidade e a heterogeneidade como fundantes, já que a diversidade é considerada desde a gênese das proposições, seguindo no percurso de elaboração, até a possível implementação. Assim, os saberes construídos pelas comunidades educativas são preservados e levados em consideração, evitando processos de homogeneização e padronização (Almeida; Sá, 2021, p. 953).

O convite à escuta dos envolvidos na pesquisa de abordagem interventiva, tem início não como algo obrigatório, verticalizado, ao contrário, esse é percebido, mas como um momento de trocas. A sensibilização em buscar entender como esses estudantes, professores e outros atores da comunidade escolar percebem e sentem a ambiência do Parque São Bartolomeu foi o elemento crucial para validar essa pesquisa.

O convite foi aberto à comunidade escolar, no entanto, poucos estudantes manifestaram interesse em participar, pois mesmo sendo pouco tempo a duração da atividade, muitos têm outras atividades e informaram que não poderiam se fazer presente. A Roda de Conversa aconteceu em dois momentos, na Sala Multimídia do Colégio Estadual Luís Rogério de Souza, e contou com a participação no primeiro momento de seis estudantes. Já no segundo momento, a participação foi de quatro professores, duas coordenadoras pedagógicas e o gestor escolar.

Outro dispositivo importante utilizado nessa coleta de dados foi o diário de campo, que conforme Macedo (2009) a experiência vivida está associada à sensibilidade em estimular os sentidos para as diferentes narrativas, percebendo o olhar, sabendo ouvir e conversar. Dando a devida notoriedade aos registros no diário de campo, criando condições para experiências significativas sobre a importância deste dispositivo de coleta de dados. Não obstante, esse dispositivo aparece como um instrumento desafiador à medida que deve haver um tratamento ético pautado no rigor desde a coleta durante a investigação dos dados e, por conseguinte, zelando pelo respeito nas transcrições.

3. O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Por se tratar de um importante espaço de significativa relevância histórica e cultural para a sociedade baiana, o Parque São Bartolomeu deveria ter grande notoriedade quando se trata da questão dos conhecimentos que poderiam ser produzidos no ambiente escolar. Embora, ainda pouco catalogado pelas escolas e com baixa ocupação pela comunidade do entorno, perde-se de explorar esse ambiente, que propicia saberes que poderiam ser coletivamente construídos a partir da interação desses atores com seu lugar. Isso ganha relevância, uma vez que esses sujeitos ainda precisam estreitar seus laços de pertencimento com o espaço que habitam. Sua potencialidade ainda é pouco explorada no que diz respeito à catalogação das vivências e compreensão da riqueza histórica e cultural que esse lugar permite aos sujeitos.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado independente (Callai, 2009, p. 85).

Pensamos assim em desenvolver uma pesquisa que dê suporte para um protótipo que colabore na construção de uma cartografia do Parque São Bartolomeu a partir da criação de um acervo de conteúdos diversos. A produção desses conteúdos será coletiva e aberta para toda a comunidade. Assim, a criação dessa cartografia comporá um banco diversificado de conteúdos (áudios, textos, mapas, imagens, vídeos) de acesso livre e uso coletivo. A produção e organização desses conteúdos permitirão aos que compartilham e usufruem desse lugar conhecê-lo melhor, perpetuar as memórias que ali foram e são construídas, entendendo a importância de preservar esse espaço que é patrimônio importante para todos. Conforme Callai (1988),

A escala de análise é um critério importante no estudo da geografia. É fundamental que se considere sempre os vários níveis desta escala social de análise: “o local” [...] A busca das explicações do que acontece em determinados níveis desta escala, em outras dimensões, favorece análises mais consequentes [...] Há lugares devido a suas características específicas, que produzem uma identidade diversa de outros lugares, mesmo pertencendo ao mesmo país (p. 94-95).

A importância do lugar para a manutenção da construção do conhecimento geográfico, requer uma leitura de interpretação das relações que se estabelecem entre os atores sociais que comungam desse mesmo lugar, além de compreender as dinâmicas endógenas e exógenas que afetam as narrativas que impactam os que estão ali inseridos. Para tanto, a dimensão histórica e as escalas geográficas são imprescindíveis para que haja um entendimento do lugar.

Contudo, a criação de conteúdos digitais e analógicos por parte dos estudantes sobre suas vivências, como forma de preservação da história local, busca sensibilizá-los para que pensem no seu lugar a partir da perspectiva de ambiência definida de acordo com o pensamento de Thibaud (2012), valorizando os sentidos e a experimentação, tomando como base as categorias espaço-tempo, pautada na produção qualitativa de conhecimento aberto.

Compreendendo a educação a partir desse novo modelo de inteligibilidade, segundo Thibaud (2012), essa noção de ambiência é pensada a partir de categorias de análise (efeitos sonoros, objetos ambientes, configurações sensíveis) que colaboram para que possamos criar métodos de investigação próprios. Portanto, levar em consideração o espaço vivido, sentido e percebido do PSB, e construir e reconstruir esse espaço através das diversas linguagens proporcionadas pelo digital (filmagens, fotografia, áudio, podcast, realidade virtual e aumentada), pode favorecer olhares, leituras e perspectivas diferentes para nossos estudantes e sua comunidade.

No que diz respeito à importância do Parque São Bartolomeu como espaço urbano, faz-se necessário observar e relacionar a maneira com que habitamos as cidades. A história de Salvador, por exemplo, está rasgada por práticas de urbanização que nem sempre respeitaram a população, sua relação com os espaços geográficos, seus modos de viver e habitar a cidade.

A exemplo, podemos mencionar a abertura das grandes avenidas e supervias, a maneira truculenta como, na calada da noite, as populações pobres eram retiradas desses lugares, o que ocorreu principalmente na década de 1970. Foi nesse período que foram construídas as avenidas de vale, inspiradas nas ideias contidas no Plano Mário Leal Ferreira, a exemplo das Avenidas Bonocô (1970), Paralela (1974), Suburbana (1971), Antônio Carlos Magalhães (1975), Garibaldi (1977), Vale do Canela (1974), dentre outras. Esses foram acontecimentos fundamentais para as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade no que diz respeito à ocupação (Gordilho-Souza, 2008, p. 114).

O processo continua nos dias de hoje quando percebemos a construção de obras que não obedecem ao Plano Diretor do Município. Claro que algumas são embargadas, mas outras

colaboram para que a cidade de Salvador se torne agressiva aos nossos sentidos. Tem-se um cotidiano vivido pelos soteropolitanos de intensa urbanização, de uma cidade cimentada, com problemas graves de deslizamentos de encostas, congestionamentos, alagamentos, com prédios estrondosamente construídos em locais que ferem a identidade local e até histórica de nossa cidade. Em meio a isso tudo, apesar da nossa extensa costa, as ofertas de escapes para áreas verdes como parques, jardins, ruas arborizadas, cantinhos onde cultivar espaços com menos concreto ainda são pouquíssimas.

Existe a oferta de parques urbanos, mas que parece não resolver essa equação: são espaços populares de Salvador como o Parque da Cidade, que fica localizado entre os bairros de Santa Cruz e Itaipara, com aproximadamente 725 mil metros quadrados e oferece atividades de lazer, entre elas uma pista para caminhada em meio a uma pontinha de Mata Atlântica. Outro é o Parque do Pituaçu, que fica localizado no bairro de mesmo nome, na Avenida Octávio Mangabeira, próximo à orla, com 425 hectares, possui áreas de lazer, abriga obras de arte, lago e trilhas em meio a um pedaço de Mata Atlântica.

Salvador, com uma população estimada em 2.417.678 habitantes conforme o IBGE (2022), fica difícil imaginar como ofertar a vivência plena da cidade, onde a maior parte de seus habitantes tem dificuldades até mesmo de se locomoverem de seus bairros. Sabemos que, mesmo com essas dificuldades, os habitantes das partes mais centrais de Salvador possuem acesso a um maior número de equipamentos culturais, possivelmente ainda não suficientes, mas que dão conta de condições mínimas ou relativas de segurança e usufruto.

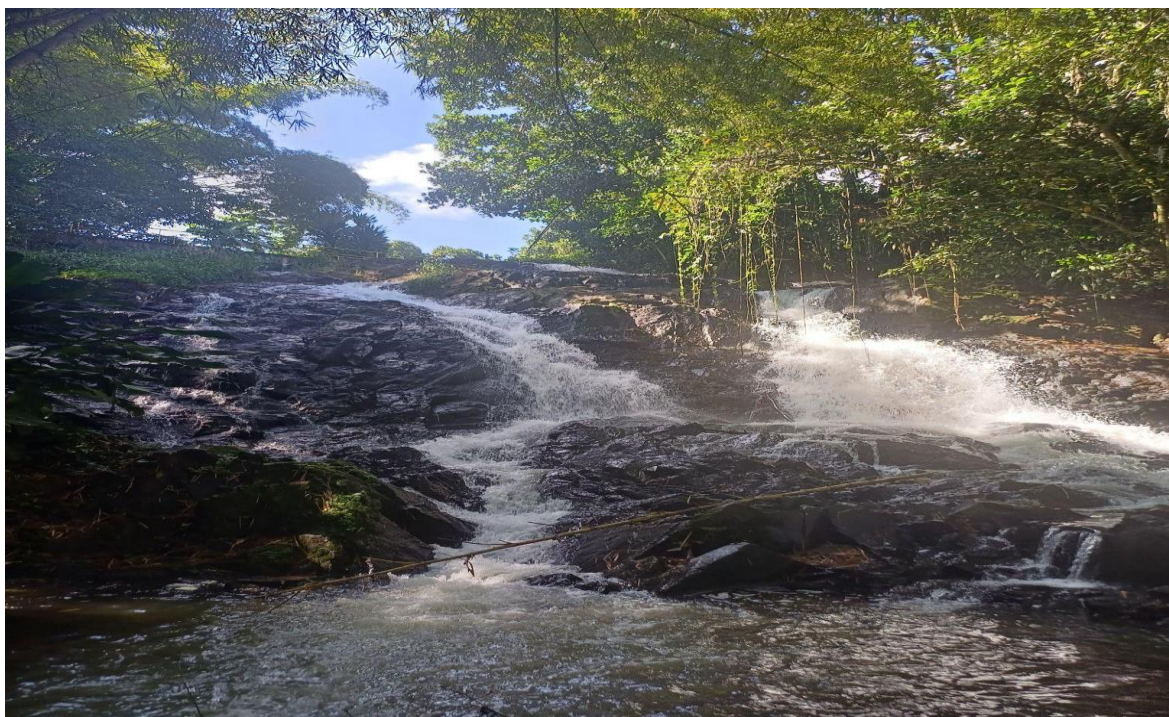
Precisamos trazer Paulo Freire quando ele, em “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática de educar”, relata sua caminhada com um professor de periferia, de um bairro desmerecido da cidade, onde o esgoto corre a céu aberto, lugar “onde cedo se aprende que só a custo de muita teimosia se consegue tecer a vida com sua quase ausência – ou negação - com carência, com ameaça, com desespero, com ofensa e dor” (Freire, 1997, p.83). Nesse pequeno trecho, como em outras obras, ele enfatiza a realidade perversa do mundo, entretanto nos diz também sobre a esperança:

Tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante não seja criticamente esperançosa (Freire, 1997, p.81).

Dessa forma, a referida citação apresenta suporte para entendermos a necessidade de sair da zona de conforto para buscar melhorias. A perspectiva lúcida de perceber o mundo, as contradições, ambivalências e perplexidades, mas também a esperança e a crença nos homens e mulheres como seres não determinados, com histórias não inexoráveis, estão presentes também em Milton Santos. Quando lemos “Por uma outra globalização” (2000), achamos que tudo está perdido, mas ao final ele nos deixa respirar e indica a fagulha da esperança. Assim, não podemos desistir, precisamos nos mobilizar, criar resistência e luta. E para isso é primordial conhecermos o lugar em que habitamos para propor soluções e medidas estratégicas para a mudança.

Nesse contexto de perseverança e valorização do que ainda não é, ou do que é pouco valorizado, que focamos nossa pesquisa e a construção de um protótipo para intervenção. É justamente numa dessas partes mais afastadas e desmerecidas da capital Salvador que se encontra localizado o Parque São Bartolomeu, campo deste estudo. Apesar de ser de grande relevância histórica e estudado por diversos pesquisadores, não há grande divulgação desse ambiente, e também não figura na rota da maior parte dos soteropolitanos. Mais relevante que isso, apesar de as escolas dos arredores fazerem algumas visitas, toda área é pouco explorada dentro dos currículos, tanto pelo seu valor histórico como ambiental.

FIGURA 10 - Cachoeira de Nanã



Fonte: Própria, 2023.

Se faz necessário o resgate de identidade e a apropriação de como viviam os povos no PSB no passado, como os Tupinambás e os Quilombolas, uma vez que os atuais habitantes precisam, a partir do reconhecimento de sua história, ampliar suas potencialidades para uma melhor compreensão desse potente lugar e da sua história.

É possível resgatar a identidade dos praticantes a partir da apropriação do seu lugar que, segundo Santos (1996), é um espaço sentido, vivido e percebido. Destarte, essa preocupação é necessária, uma vez que a invisibilidade de áreas periféricas, à margem da sociedade, traz um desconhecimento sobre suas potencialidades. Assim, surge a necessidade de resgate desses valores com base nas memórias e identidades de um recorte da área do Parque São Bartolomeu, a Bacia do Cobre. De acordo com Castells (2000), a identidade surge a partir de três formas, sendo elas: a identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto, segundo o autor:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais;

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação.

Identidade de projeto: quando os atores, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade.

Com base no processo de segregação e invisibilidade da população negra que resiste lutando por seus ideais, a Identidade de Resistência condiz com o perfil que preconiza o processo de identidade dos que vivenciam o lugar. Essa população, negada pelo poder público, marginalizada, busca se conectar com outras realidades, legitimando a sua existência. O domínio surge a partir de negar a cultura, religião e capacidade do povo negro, esse processo de negação do outro é denominado epistemicídio. Nesse sentido, o olhar para o Parque São Bartolomeu é de grande necessidade por ser ainda uma das poucas áreas de lazer de acesso aos moradores do subúrbio ferroviário, que não dispõe de outros espaços de interação sociocultural.

Santos (2013) nos diz que o lugar é espaço vivido, e para isso tem que ser conhecido, compreendido para que possa ser transformado. E que o lugar permite inquietações que superam o tempo, criando um elo entre presente e o futuro, possibilitando experiências que

refletem no contexto micro questões mundiais que impactam diretamente nele, renovando sempre suas vivências e experiências.

Ressalta-se que a busca pela valorização do Parque São Bartolomeu se dá pela importância histórica que esse local abarca, por ser uma das últimas reservas da Mata Atlântica em área urbana no Brasil e pelo resgate de todo esse contexto histórico e de preservação ambiental e cultural. Apesar disso, além do parque ter pouca visibilidade para a capital Salvador, ele é de certa maneira desqualificado pela sua localização. Observando esse contexto de pouca valorização, mais um fator se agrava: o transporte de locomoção para a região do subúrbio.

A integração efetiva do Subúrbio Ferroviário no tecido urbano, há muito tempo dificultada pelos longos deslocamentos diários, parece se reverter com a implantação da Avenida 29 de Março (antiga Via Jaguaribe, com uma extensão de 11 quilômetros a partir da Avenida Orlando Gomes até a Base Naval), que fará a ligação entre a BR-324 e a Avenida Paralela, possibilitando uma ligação direta entre o Subúrbio Ferroviário e a Orla Marítima 3 , ampliando as alternativas de deslocamento da população, encurtando as distâncias e o tempo das viagens. Mas cabe aqui se perguntar para quem, por quais razões e com que objetivos se pretende melhorar a acessibilidade via terrestre ou marítima para uma área que concentra efetivamente o maior contingente populacional de baixa renda da Região Metropolitana de Salvador (Coelho; Serpa, 2021, p. 74).

Um agravante nessa conjuntura está no fato da localização do Subúrbio para o centro da cidade e, conseqüentemente, no trânsito e no transporte público. É notório que o Subúrbio é um dos metros quadrados mais desvalorizados, e como consequência, conforme diz Corrêa (2004), as experiências que definem o espaço urbano podem se tornar pontos de atração ou de repulsão. Nesse caso, a inserção do Parque São Bartolomeu na área periférica da cidade torna-o um espaço de repulsão, pois não está localizado no miolo da cidade, onde se concentram os serviços (transporte, infraestrutura e segurança), desvinculado dos pontos turísticos e políticas públicas da gestão urbana.

De acordo com Raffestin (1993), o território é definido a partir de relações de poder que podem ser exercidas por pessoas, grupos e relações sociais de pertencimento num determinado espaço delimitado por suas vivências. Os resgates da identidade a partir das relações de pertencimento traz a relevância dos conceitos de território e do lugar, duas categorias de análise de suma importância para a Geografia, pois é a partir das vivências cotidianas, não menos essenciais para os que ali vivem, que se criam as ambiências e as relações de se conhecer enquanto cidadão transformador da sua realidade.

Não obstante, essa ambiência dos que comungam desse espaço vivido é muitas vezes invisibilizada perante as classes dominantes que contemplam a periferia a partir do desconhecimento das suas potencialidades. Ainda segundo Santos (2002), o território está intrinsecamente atrelado ao lugar, que, de acordo com a Geografia, é um dos seus objetos de estudo, no qual as relações diárias cotidianas são estabelecidas e com elas a construção da identidade de um coletivo, definido a partir das relações afetivas com esse lugar, em que “todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas” convergem. (Santos, 2007, p.56).

Partindo da compreensão do entorno da APA Bacia do Cobre/Parque São Bartolomeu, tem-se a configuração de um espaço latente de vivências, as quais contam a história de um povo que recria a todo momento formas solidárias de sobreviver perante as complexidades vivenciadas e as transformações ocorridas nesse espaço. Nesse contexto, surge a necessidade de resgate dos valores presentes nesse lugar com base nas memórias e identidades deixadas e construídas nesse contexto e entorno do Parque São Bartolomeu. Conforme declara Santos (2005, p. 161), “hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”.

Sempre que a sociedade sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial. Em qualquer ponto do tempo, o modo de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas (Santos, 1992, p.67). É inegável que a urbanização tem marcado a sociedade contemporânea e isso tem contribuído para as ações de pertencimento territorial. De acordo com Haesbaert (1997), o sentimento de pertencimento e a dominação de um local tendem a originar territórios puramente utilitários e funcionais. Desse modo:

[...] a terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte da territorialização e dos conteúdos sociais, um processo composto de significações elaboradas pelas práticas humanas. O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos que o “territorializa”, um produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos. [...] O território não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os. Ao mesmo tempo em que membros de uma espécie compõem personagens rítmicos e que as espécies diversas compõem paisagens melódicas, as paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo a paisagem (Deleuze; Guatarri, 1997, p. 128).

De acordo com Santos (1994, p. 97), “tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar”. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas. Dessa forma, para a valorização e o reconhecimento do PSB, são necessárias ações que mostrem a grande riqueza que existe nessa área. Segundo Santos (1999, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”, assim, o sentimento de pertencimento ao lugar reflete o apego e a identidade ao lugar.

4 TECNOLOGIAS ABERTAS E CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ

Almejamos uma educação que leve em consideração as transformações do contemporâneo, e que oportunize todos os recursos e possibilidades aos sujeitos com mecanismos para que possam refletir e construir um mundo melhor. Isso só é possível quando esse sujeito consegue perceber e conceber o lugar que habita, quando possui sentimento de pertencimento. Conhecer implica construir elementos para poder lutar por melhores condições de vida, interferir de maneira significativa no lugar onde habitamos, fortalecer nossa cidadania através da colaboração com os ecossistemas culturais, ambientais e políticos.

Torna-se primordial colocar professores, estudantes e suas comunidades interligados por ações diversificadas e que levem nossos estudantes a aprendizados realmente significativos, relacionando o que aprendem na escola com a qualidade de vida em suas comunidades. Nesse sentido, as tecnologias e a conexão em rede podem ser potencializadores de processos estruturantes envolvendo as práticas educativas. Segundo Castells:

Compreender esse sistema de comunicação está intrinsecamente ligado à compreensão de um sistema em que a própria realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais do mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (Castells, 1999, p. 395).

O posicionamento do autor supracitado é relevante e nos faz refletir sobre as experiências educacionais, pois podem acionar outros processos não previstos, principalmente aqueles referentes aos interesses e motivações dos estudantes, que estão intimamente relacionados com sua identidade e vivências. Essa é uma perspectiva relevante, trazer para o contexto educativo do estudante, propostas que trabalhem com problemáticas vivenciais e desafiem a resolução de problemas concretos. A educação deve ser pensada para formar cidadãos autônomos, porém, na atual conjuntura, enfrentamos muitas dificuldades.

Nesse cenário, é preciso destacar que muitas escolas públicas, perante as vicissitudes sociotécnicas e informacionais, não acompanham as transformações que vêm ocorrendo no que tange ao contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Sabe-se que o contexto atual requer formar cidadãos que consigam compreender a lógica neoliberal imposta aos diferentes espaços. As demandas impostas pela dinâmica mundo/escola caminham distantes no que tange ao que é deliberado pelo que rege a Base Nacional Comum Curricular

(BNCC), que regulamenta competências de acesso a linguagens tecnológicas na educação, como se verifica na competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017, p. 5).

Na contramão do que de fato é vivenciado pela comunidade escolar, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) aponta a necessidade de ofertar acesso a interfaces técnicas para as diferentes linguagens da comunicação, porém não há políticas públicas que acolham essas demandas. Para tanto, é necessário não somente possibilitar aos estudantes explorar interfaces técnicas (como a das linguagens de programação ou de uso de ferramentas e apps variados de edição de áudio, vídeo, imagens, de realidade aumentada, de criação de *games*, *gifs*, memes, infográficos etc.), mas também interfaces críticas e éticas que lhes permitam tanto construir quanto produzir conhecimento com base na realidade e problemáticas do seu cotidiano.

Se faz necessário frisar que, de maneira muito tímida, a BNCC (2017) retrata a necessidade dos estudantes apropriarem-se das tecnologias. Assim, fica claramente perceptível o abismo entre o que ela assinala e o que reverbera de fato nas escolas públicas. Destaca-se que, sempre que possível, os estudantes podem construir representações ou protótipos, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais (como softwares de simulação e de realidade virtual, entre outros).

As tecnologias digitais e o uso da internet ainda não foram incorporados dentro de uma perspectiva estruturante no currículo escolar, não pelo menos de uma forma que promova a autonomia e cidadania dos estudantes. Nessa lógica, compreender as conversões na sociedade contemporânea com o advento do digital vai além do uso nos territórios escolares, mas percebê-los enquanto estruturantes na formação cidadã. Conforme Bonilla (2002), é importante conceber o sistema educacional a partir de “novos territórios educativos, territórios abertos, dinâmicos” (p. 136), sendo a tecnologia da informação integrante e vivenciada por todos.

5 EPISTEMICÍDIO: OS CAMINHOS DO SAGRADO E DA MEMÓRIA

O subúrbio ferroviário de Salvador tem uma população majoritariamente formada por pretos e pardos, porém a formação da mesma remonta historicamente na conjuntura baiana uma estrutura de exclusão socioespacial que remete às condições insalubres no que diz respeito a: saúde, educação, saneamento básico, serviços (transporte, segurança pública e lazer).

Essa conjuntura perversa excludente não se limita aos aspectos socioespaciais aos quais a população negra, fruto de um processo de colonização, sofre com diferentes mazelas na periferia urbana da cidade do Salvador. Essa lógica estende-se ao manipular e coagir as esferas culturais e religiosas dessa população. O processo histórico de desigualdade brasileira, que remonta desde a independência do Brasil com a migração forçada sofrida pela população negra, requer uma leitura desse projeto perverso de neocolonização que tem como premissas o silenciamento do povo negro, sendo um dos mecanismos, manter o negro num local de aniquilamento de um povo que perdura até os dias atuais. Ampliando a discussão empreendida, Gonzalez (1979, p.34) debruça-se sobre o modelo de independência do Brasil aos dias atuais,

Todo um pensamento é uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira. Assim, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país; sobretudo a região Sudeste. Por isso mesmo, podemos afirmar que existe uma divisão racial do espaço em nosso país uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra. (Gonzalez, 1979, p. 34).

Nesse caso, na realidade brasileira, a exclusão da população negra dos locais de decisão se compõe de uma estrutura de poder que manipula e retira dos espaços identitários a condição de se reconhecer como parte dessa história e se sentir valorizado. Ao contrário, valores que se perpetuam mostram um negro num lugar de subserviência nos quais o conhecimento e valores são construídos coletivamente, a exemplo imediato das escolas públicas, esquecimento de se enxergar enquanto negros e negras que precisam de perceber como parte desse lugar.

A história e conquista da população negra não são contadas em muitas escolas. Não obstante, o lugar de fala dado ao negro ainda no livro didático e material digital não corrobora

em desconstruir uma história de quem fala sobre uma população que sempre lutou para conquistar seu lugar. Porém, a visibilidade dada é sempre de submissão como escravizado, não contando a resistência e saberes ancestrais.

Esses negros e negras são levados a compreender a sua história a partir de uma perspectiva do olhar de quem controla a economia, a política e as mídias digitais, enquanto os conhecimentos do povo negro são relegados a segundo plano. Cabe ressaltar a importância de ouvir o povo negro em sua essência e que estes contem a sua história. Essa história pode e deve ser contada através de diversas linguagens, que vão da oralidade ao cinema, do impresso às mídias digitais, etc.

Podemos citar Conceição Evaristo (2020), que retrata a importância da escrita, desfazendo imagens do passado e reivindicando seu lugar de fala e escrita, sendo uma forma de resistência. Assim, temos hoje muitas escritoras negras que despontam como referência na construção formativa de novos imaginários para uma população inteira. Esse é só um exemplo de protagonismo negro, mas o que queremos chamar a atenção é para o fato de que, a princípio, tratado com genocídio cultural por Abdias Nascimento, a invalidação dos saberes dessa população resvala em toda uma geração. Esse discurso ganha potência com a intelectual Sueli Carneiro (2005) que, concatenada com o pensamento de Boaventura Souza (1997), traz a bojo o debate sobre epistemicídio.

Para tanto, o conceito de epistemicídio, segundo Sueli Carneiro (2005), traz um debate sobre a ancestralidade e a negação do outro, porém esse olhar para a questão da negação tem como propósito a desvalorização dos saberes do povo negro enquanto racional e intelectual. Não obstante, o termo epistemicídio traz esse debate de maneira mais contundente, entretanto essa invalidação dos saberes não é algo recente.

O epistemicídio, segundo Boaventura (1997), perpassa por uma ideologia de deslegitimação das formas de conhecimento do outro, sendo as mesmas vistas como inferiores. Esses povos são subjugados ao não terem seus conhecimentos ancestrais como legítimos, sendo reconhecidos como saberes, ao contrário, entram numa escala que os compara como aceitáveis ou não, tendo como parâmetro de referência, os conhecimentos do colonizador como supremo, mesmo inatingíveis e privilegiados.

Além, dessa estrutura permissiva, porém, invisibilizada, pois consegue se camuflar entre práticas cotidianas, o epistemicídio se perpetua em diversos espaços, pois como a hegemonia branca consegue se manter nas esferas de poder e domínio das instituições que

regulam e criam as leis como algo que contemple uma maioria que tem as instituições públicas de acesso à aprendizagem alavancando espaços que perpetuam o desconhecimento dos saberes da população negra ou mesmo discriminação da sua cultura.

Nessa negligência vivenciada por toda uma população, está o cerne de um debate coerente sobre os descaminhos da nossa história que mostra o negro como deficiente intelectual. De acordo com Carneiro (2005), o racismo vem servindo como instrumento de controle e paramento de subordinação, demonstrando controle que não se limita aos corpos, mas que ganha esferas maiores inerentes à mente e corações.

Essas imbricações inseridas no contexto escolar remetem a uma exclusão velada onde os conhecimentos referentes a população negra não atendem às especificidades dessa população. Cabe ressaltar, que a formação e o currículo, duas categorias que merecem um aprofundamento teórico, não atendem os anseios da escola pública no que se refere a comunidade afrodescendente.

Partindo de um contexto legal, a Lei 11.645/08 é de fundamental importância para a luta da população afrodescendente, e da indígena, para terem o reconhecimento cultural e histórico na formação da identidade nacional. A mesma serve como uma superação das matrizes que se perpetuam durante séculos, de uma educação vista a partir do eurocentrismo, em que o colonizador é o promotor dos saberes.

Essa grande conquista ainda enfrenta uma série de entraves quando pensamos na educação que priorize sua história para além da que é contada pelos colonizadores. Notadamente, pensar o regimento legal é de fato um marco na história da educação brasileira, porém não se pode falar o mesmo quanto a regência dessa na aplicabilidade do currículo escolar.

Pensar no epistemicídio no ambiente escolar requer um olhar cuidadoso, pois as mazelas vão além da negação histórica do conhecimento. A postura reitera profundo afastamento entre a identidade desse grupo dominado e a apropriação forçada de uma cultura que não lhe pertence, além de relegar gerações à crença de incapacidade intelectual. O instrumento de dominação requer um cuidado maior frente aos avanços que vão além dos físicos, pois impacta em toda uma ideologia de identidade desses grupos, marginalizando-os no que se refere ao âmbito da credibilidade de suas origens e contribuições para a sociedade ao longo da história.

Conforme Kilomba (2010), o silenciamento da população negra é fruto de um processo de colonização que remete ao controle do questionamento sobre as mazelas e condições de sobrevivência que sofre ainda as dores do processo escravocrata. Sérias punições foram aplicadas para a perpetuação desse silenciamento das vozes negras e suas dores.

Comungando do pensamento de Bell Hooks (2013), ao transgredir e inovar as práticas educacionais no sentido de empoderar e mostrar essa enquanto libertadora, onde o aluno negro se perceba enquanto cidadão capaz de superar, transcendendo as normas que impõem um limite do que deve ser estudado.

Superar essas amarras requer práticas de transgressão no sentido de enfrentamento das condições sociais que lhe são impostas com modelos preestabelecidos de comportamentos moldados em práticas de aceitação e conformismo frente às mazelas enfrentadas diariamente. Assim, o racismo é mascarado, que, de acordo com Hooks (2013),

Essa mentira assume uma forma aparentemente inocente: muitos brancos (e até alguns negros) afirmam que o racismo não existe mais e que as sólidas oportunidades de igualdade social atualmente existentes habilitam qualquer negro trabalhador a alcançar a autossuficiência econômica (Hooks, 2013, p. 44).

A invisibilidade da população negra é um projeto que, além de segregar, exclui dos espaços de construção do conhecimento, visto que as condições socioeconômicas refletem uma estrutura de poder que reverbera no acesso a níveis maiores de educação e, por conseguinte, em galgar melhores cargos de empregabilidade.

Historicamente, os cargos braçais, que exigem menos qualificação intelectual, são predominantemente ocupados pela população negra. Esse fenômeno é explicado pela persistência de estruturas raciais desiguais no mercado de trabalho, o que posiciona os negros, especialmente homens, em funções de menor prestígio, como as da construção civil e serviços gerais. Segundo Kabengele Munanga (2004), o processo de marginalização do negro no mercado de trabalho está intimamente ligado à herança histórica da escravidão e aos mecanismos de discriminação racial ainda presentes na sociedade brasileira.

No caso das mulheres negras, elas são frequentemente alocadas no setor de trabalho doméstico, uma realidade amplamente analisada por autoras como Sueli Carneiro (2003), que discute a interseção de racismo e sexismo, apontando que a divisão sexual e racial do trabalho

limita a mobilidade social das mulheres negras, direcionando-as para ocupações de menor prestígio e remuneração. Carneiro argumenta que esse cenário resulta de uma construção histórica, onde o trabalho doméstico foi racializado e feminizado, colocando as mulheres negras em uma posição de subordinação tanto no mercado de trabalho quanto na sociedade.

Além disso, dados do IBGE confirmam que a maior parte das trabalhadoras domésticas no Brasil é composta por mulheres negras, que representam cerca de 56% do total de empregadas nesse setor (IBGE, 2019). Essa realidade é refletida nas taxas de escolarização, com as mulheres negras enfrentando grandes obstáculos para conciliar trabalho e estudos. O estudo de Silva (2010) sobre a escolaridade no Brasil também destaca que a população negra, especialmente as mulheres, tem maior dificuldade de acesso ao ensino superior, devido à baixa escolaridade na infância e à escassez de oportunidades de mobilidade social.

O Censo da Educação Superior (INEP, 2021) também evidencia que a presença de negros no ensino superior é inferior à dos brancos, mesmo com o aumento das políticas afirmativas como as cotas raciais. Essa desvantagem, conforme Djamilia Ribeiro (2017), está ligada a uma história de exclusão e marginalização educacional da população negra, que ainda luta para romper as barreiras estruturais do racismo institucionalizado. A autora propõe que a sociedade brasileira deve enfrentar essas desigualdades não apenas por meio de políticas públicas, mas também pela transformação das relações raciais no cotidiano.

Esses dados e reflexões teóricas indicam que as desigualdades raciais no Brasil são profundas e estruturais, limitando as oportunidades de ascensão social e educacional para a população negra, especialmente para as mulheres negras, cujas trajetórias são marcadas pela exclusão histórica e pelo racismo sistêmico. De acordo com o pensamento de Bell Hooks (2013)

Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça. (Hooks, 2013, p. 45)

Conforme o IBGE (2022), a maior concentração de negros no território brasileiro encontra-se no Nordeste, com 13%. Cabe ressaltar que essa identificação não é obrigatória, além de parte desse percentual ser comprometido por parte da população não se perceber

enquanto negro. Quanto aos dados educacionais, esse percentual, se comparado a outras regiões, mostra que o nordeste tem uma desigualdade pujante.

No caso da capital Salvador, os dados são alarmantes. Concentra um dos piores valores, estando 27º lugar no que refere à idade-série no Ensino Fundamental na educação de negros/não negros, de acordo com o Censo Escolar do INEP (2020), conforme o Gráfico 1.

A segregação racial é refletida na ocupação espacial, facilmente percebida na construção das moradias remetidas pela própria arquitetura, onde residem a população com maior poder aquisitivo, com um percentual elevado de pessoas brancas com formação educacional. No que diz respeito a essas construções, são os espaços imobiliários da cidade que dispõem de uma estrutura de serviços e saneamento básico, consequentemente o metro quadrado mais caro da cidade. Em contrapartida, a pobreza salta aos olhos à medida que se distancia do miolo da cidade de Salvador para o subúrbio. Essa estrutura de controle espacial, é vista se afirma no pensamento de Grada Kilomba (2019),

A ideia de uma membrana que contenha ou restrinja a negritude toma-se real em bairros negros segregados, onde pessoas negras são alocadas em áreas marginalizadas, a margem, impedidas de terem contato com recursos e bens brancos. A guetificação foi criada para promover o controle político e a exploração econômica de pessoas negras. (Grada Kilomba, 2019, p. 168-169)

Essa membrana não palpável, esteticamente, pode ser percebida nas condições socioeconômicas estratificadas nos espaços urbanos a partir da arquitetura e das condições de saneamento e harmonização dos espaços homogêneos. Essa estrutura do visível sem muros físicos das ambiências gera uma limitação invisível de poder e subordinação aos lugares que a população negra pode ocupar e em que posição. Seus braços e sua força de trabalho estão limitados a subempregos e na grande maioria serviços, tornando-a mão de obra barata. Desmontar essa estrutura de controle socioespacial não é fácil, visto a dificuldade de ocupar os lugares onde a dominação branca predomina.

6. NO MEU QUINTAL TEM UM PARQUE

O Parque São Bartolomeu / Bacia do Cobre faz parte de uma Área de Preservação Ambiental (APA) instituída pelo Decreto Nº 7.970 de 05 de Junho de 2001. Localiza-se na borda oriental da Baía de Todos os Santos, integrando a Região do Subúrbio Ferroviário, os municípios de Salvador e Simões Filho. Do ponto de vista ambiental, abriga uma inestimável fonte de recursos hídricos que faz parte do sistema de abastecimento da região metropolitana de Salvador; bem como uma das maiores reservas urbanas de Mata Atlântica do país, segundo informações no site do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA, 1997).

A APA caracteriza-se por uma grande diversidade de ambientes distribuídos em uma reduzida porção espacial, onde se incluem: “floresta ombrófila densa, ambientes flúvio-marinhos, pântanos, manguezais, rios e cascatas. Ao centro, se destaca a represa do cobre (reserva de água potável), [...] à montante, destacam-se a Lagoa da Paixão e as nascentes do Rio do Cobre”. (INEMA, 1997)

Do ponto de vista social e cultural, o Parque São Bartolomeu desempenhou um papel fundamental na história de resistência e formação identitária de Salvador. Segundo Serpa (1996), o parque foi palco de importantes lutas contra a invasão holandesa no século XVII, consolidando-se como um símbolo de resistência no cenário bélico da época. No século XIX, a região abrigou quilombos, entre os quais se destaca o Quilombo do Urubu, que permanece como referência histórica e cultural até os dias atuais.

Além disso, o parque foi cenário da emblemática Batalha de Pirajá, um dos eventos decisivos para a independência política da Bahia, que conforme César (1994), ainda carrega um profundo valor religioso para as comunidades afro-brasileiras, sendo considerado um santuário de devoção e peregrinação.

A presença de formações naturais com significados espirituais, como as cascatas de Nanã, Oxum e Oxumaré, e as rochas denominadas Pedra do Tempo e Pedra de Omulu, reforça sua conexão simbólica com os cultos de matriz africana, destacando a integração entre natureza, espiritualidade e memória coletiva. Esses aspectos fazem do parque um território vivo de preservação cultural, resiliência histórica e identidade comunitária.

FIGURA 7 - Praça de Oxum

Fonte: Arquivo da autora, 2023.

Apesar de o PSB abrigar uma diversidade de espécies, riqueza hídrica e histórica, como já foi mencionado, passou anos sem nenhuma assistência do poder público. Esquecido, contou por muito tempo apenas com a luta de preservação e alerta para sua importância por parte de lideranças locais e da população que desenvolviam ações de proteção a esse lugar que guarda diversas confluências representativas da identidade e memórias de um povo.

De acordo com a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER, 2013), no que se refere à categorização do Parque São Bartolomeu no Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural (SAVAM), o parque encontra-se inserido no “Subsistema de Unidades de Conservação”, dada a sua inserção na Área de Proteção Ambiental - APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu.

Desse modo, torna-se uma área de valor urbano-ambiental destinada à conservação de elementos naturais significativos para o equilíbrio e o conforto ambiental urbano. O Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão (SAMGe) apresenta no Painel de Resultados por Unidade de Conservação a seguinte informação sobre o Parque São Bartolomeu:

Quadro 1 - Recursos e Valores que requerem ações de manejo para retornarem ao estado desejado de conservação (2022)

Manancial de abastecimento, para o consumo humano	(I - assegurar a qualidade das águas da Represa do Cobre, parte integrante do sistema de abastecimento humano de Salvador, dentro de limites compatíveis principalmente com o uso doméstico)
Remanescentes florestais	(II - disciplinar o uso e a ocupação do solo na área;)
Recursos hídricos	(III - tornar-se uma zona de preservação da Represa do Cobre)
Paisagem e locais de devoção e práticas religiosas	(IV - preservar e recuperar os ecossistemas de matas ciliares no entorno do espelho d'água)
Sítios religiosos, históricos e culturais	(Proteção de sítios histórico/cultural)
Local das guerras da independência da Bahia	(Pirajá) (Proteção de sítios histórico/cultural)

Fonte: Samge, 2022.

De acordo com o INEMA (1997), a Área de Proteção Ambiental (APA) Bacia do Cobre - São Bartolomeu abrange uma extensão de aproximadamente 1.134 hectares, dos quais 155 hectares correspondem ao Parque São Bartolomeu. Este parque é reconhecido como um espaço de vivências múltiplas e memória coletiva, contando a trajetória de lutas e resistências que moldaram a identidade do povo baiano. Conforme Serpa (1996), a presença indígena foi o primeiro marco de ocupação humana e exploração dos recursos naturais da região, precedendo séculos de apropriação e ressignificação cultural, que transformaram o parque em um símbolo de resistência afro-indígena e de preservação ambiental no coração de Salvador.

Quadro 2: Relatório do Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão (2022)

Os Recursos e Valores estão agrupados nos seguintes tipos:

BIODIVERSIDADE	Remanescentes florestais
GEODIVERSIDADE E PAISAGENS	Paisagem
HISTÓRICO CULTURAL	Local das guerras da independência da Bahia (Pirajá) Sítios religiosos, históricos e culturais
SERVIÇOS ECOSSISTÊMICOS	Recursos Hídricos
SOCIOECONÔMICOS	Manancial de abastecimento para o consumo humano

Fonte: <http://samge.icmbio.gov.br/Samge/890/2022/Relatório>

7 PROTÓTIPO: - COMUNIDADE SUBURBANA, VOCÊ CONHECE O PARQUE?

Apesar de o parque contar a história dos ancestrais da população negra e indígena, ainda precisa ter seu espaço ocupado pelos que residem no subúrbio e o Colégio pode ser o espaço multiplicador das relações de aproximação da comunidade local. As falas na roda de conversa trouxeram o olhar dos alunos e professores com narrativas que se bifurcam quanto aos motivos referentes à falta de ocupação desse lugar. No início da roda de conversa, foi feita uma provocação sobre quando se falava sobre o Parque São Bartolomeu, o que vinha a mente deles e os relatos foram surpreendentes. Não obstante, esse chamou bastante a minha atenção do Estudante 1:

É um parque que não tem visão de turismo, é bom pra lazer, pra passear, entendeu? Só que, porém, a localidade dele não é uma localidade muito boa, porque é dominada pelo tráfico e é muito perigosa. Então, tem um benefício, que é você estar lá tranquilo, relaxando, tendo seu lazer, porém, tem um malefício, que é o medo, a preocupação de ser assaltado, ou rolar um tiroteio, você ser atingido, um assalto, coisas desse tipo que rola muito por lá (estudante 1).

Esse relato reproduz muito do discurso trazido pela mídia sensacionalista que tenta criar uma aversão da população contra o parque, porém esse reforço feito por ela acaba ganhando fundamentação. Essa nova ordem de comando territorial passa a ser entendida pela sociedade como um limitante nos acessos aos diversos espaços.

No caso do parque, uma das soluções que tem possibilitado essa interação é feita pela coordenação do parque, além de solicitação prévia de visitação a Conder, responsável legal, quando se quer visitá-lo. A Estudante 2 relatou que “o que vem na minha cabeça quando penso no Parque São Bartolomeu, penso em cultura e em lazer”, já a Estudante 3 pensa de maneira parecida: o “Parque São Bartolomeu para mim é diversidade, é cultura, é ar livre, um lugar onde você pode ser livre e se expressar”. Uma das professoras informou que não conhecia o parque e seu relato comunga com o do Estudante 1:

Infelizmente, a imagem que eu tinha do Parque São Bartolomeu era de um espaço de violência, de falta de segurança, um local onde eram, em alguns períodos, colocados corpos de pessoas para serem encontrados. Então, infelizmente, a imagem que eu tinha era só associada a questões de violência. (Professora 1).

Já outra professora, se posicionou de maneira oposta:

O Parque São Bartolomeu, para mim, é uma reserva maravilhosa dentro de Salvador, que as pessoas podem ter a oportunidade não só de apreciar as belezas naturais, mas também de todo um contexto histórico que tem naquele lugar, que, porém, não é tão bem explorado. Acho que deve ser mais divulgado dentro da cidade para que outras escolas possam levar os alunos e as pessoas, em geral, possam frequentar mais. (Professora 2).

Percebe-se uma diversidade nas falas, porém alguns pontos são cruciais para a análise dessa pesquisa. O primeiro aponta para a questão da violência urbana, que podemos entendê-la a partir do pensamento da cartografia abissal de Boaventura (2007), que ancora nas influências herdadas do processo de colonização que até os dias atuais repercutem nas relações políticas e culturais que existem na contemporaneidade.

Segundo Boaventura (2007), as desigualdades sociais não podem ser dissociadas das desigualdades de acesso ao conhecimento e de como esses diferentes saberes são valorizados ou desvalorizados. Nesse ínterim, a violência em determinados espaços remete às relações sociais e políticas, que precisam reavaliar o acesso ao conhecimento com transformações nas estruturas que perpetuam a exclusão, enfatizando a necessidade de um novo entendimento que reconheça a diversidade sociocultural.

Outro aspecto que intensificou as participações na roda de conversa foi quando provoquei durante as explicações se já haviam visitado o Parque São Bartolomeu. Fui surpreendida com as respostas e suas justificativas. Os relatos tiveram pontos comuns: dos seis (06) estudantes que participaram, quatro (04) já visitaram o parque e dois (02) ainda não o conhecem, apesar de residirem e estudarem próximo ao parque. Já no que se refere aos professores, dois relataram que passaram a conhecer o parque a partir dessa pesquisa e os demais que participaram informaram que já haviam visitado e desenvolvido atividades no local.

A surpresa nas devolutivas partem da perspectiva de que o fato de residir no subúrbio nas proximidades do Parque São Bartolomeu seria um ponto de atração e ocupação com beleza e história, pois boa parte dos que participaram da Roda de Conversa reside desde a infância no subúrbio. Mesmo assim, essa prerrogativa não foi algo preponderante para definir que os mesmos conhecessem o Parque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa intervenção conclama o sentimento de uma comunidade escolar que vislumbra no parque uma escola que disponibiliza aprendizagens nas diferentes perspectivas do saber ao criar acesso a diversas linguagens em diferentes momentos. Quanto a essas aprendizagens, elas se comungam e se conectam de uma maneira única e interligada que vai desde os saberes: históricos, geográficos, culturais, da biodiversidade, religioso, político e sociológico dentre outros que não são mencionados nessa pesquisa. Assim, o parque requer um olhar enfático e cuidadoso, sendo a partir das falas dos que se dispuseram a participar dessa pesquisa em reconhecer sua grande importância para toda uma sociedade.

No bojo desse estudo inicial, essa pesquisa necessita de um aprofundamento e escuta dos demais atores que frequentam ou já ouviram falar do parque e querem conhecer, além dos que guardam boas lembranças sobre esse santuário ecológico. Tendo em vista essa gama de dados e informações, sendo que muitas delas ainda são desconhecidas pela comunidade baiana, surge a necessidade, pensando na preservação das suas memórias e também na preservação desse parque, de criar condições de permanência e preservação dessa história. No bojo dessa efervescência, surge o projeto *Iroko*.

O projeto *Iroko* demonstrou que a produção colaborativa de conteúdos digitais abertos pode ser uma ferramenta potente para ressignificar a relação entre escola, comunidade e território. Ao integrar tecnologias abertas, licenças *copyleft* e a filosofia *hacker*, o protótipo não apenas preservou memórias do Parque São Bartolomeu, mas também desafiou estereótipos que marginalizam o espaço, destacando sua relevância histórica, ambiental e sagrada. A escuta sensível nas rodas de conversa revelou que a violência atribuída ao parque é amplificada por narrativas midiáticas, ocultando suas potencialidades educativas e culturais.

Apesar dos avanços, persistiram desafios, como a infraestrutura tecnológica limitada na escola e a necessidade de formação continuada de professores para lidar com ferramentas digitais. Contudo, a mobilização estudantil na criação de conteúdos e a articulação com grupos locais, como os "Guardiões do Parque", reforçaram o caráter emancipatório da proposta. Como perspectiva, sugere-se ampliar parcerias com universidades e coletivos de mídia livre para escalar o banco de dados e garantir sua sustentabilidade. O *Iroko* evidencia que a educação, ao se aliar às tecnologias críticas, pode transformar espaços periféricos em locais de resistência e produção de conhecimento, reafirmando o direito à cidade e à memória.

Para tanto, é primordial que a comunidade escolar inicie esse movimento interno, dando incentivo para a mobilização externa. Nesse sentido, a rádio web escolar será uma grande aliada na mobilização da comunidade do entorno, agregando ao parque esse convite de inserção de diferentes dados no banco de dados, expondo sua importância na formação política em busca da cidadania e respeito a história do parque.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. **Tessituras curriculares inovantes de um mestrado profissional em educação**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 938-960, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/49448/35613/164674>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AZUMA, Ronald T. **A survey of augmented reality**. *Presence*, v. 6, n. 4, p. 355-385, 1997.
- BARRETO, José de Jesus. *Candomblé da Bahia: resistência e identidade de um povo de fé*. Salvador: Solisluna Design e Editora, 2009.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: UBU Editora, 2021.
- BEIGUELMAN, Giselle. *Arte pós-virtual: criação e agenciamento no tempo da internet das coisas e da próxima natureza*. In: *Cyber-arte-cultura: a trama das redes*. Tradução. Vila Velha: Museu Vale, 2013. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Dados qualitativos**. In: BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca (org.). *Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação*. Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 94, p. 1-240, jul./dez. 2015.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. *Políticas brasileiras de educação e informática*. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~bonilla/politicas.htm>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. *Escola Aprendente: para além da Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://www.conder.ba.gov.br/index.php/noticias/2014-10-04/governo-do-estado-entrega-requalificacao-do-parque-sao-bartolomeu>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Educação) – Universidade de São Paulo, 2005.

COELHO, Suely dos Santos; SERPA, Ângelo. **Transporte coletivo nas periferias metropolitanas**. In: SERPA, Ângelo (org.). *Fala periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano*. Salvador: UFBA, 2001.

CORDEIRO, Salette de Fátima Noro. *Tecnologias digitais móveis e cotidiano escolar: espaços/tempos e aprender*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 43. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 2006.

DIONÍSIO, P. **Oprimidos e Opressores**. 2002. Letras. Belo Horizonte, [200-]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/produto-nacional-musicas/76568/>. Acesso: 06 abr. 2024.

FONSÊCA, Adilson. **Parque São Bartolomeu, um santuário no subúrbio de Salvador**. Disponível em: <https://abrir.link/7dcau>. Acesso em: 09 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GORDILHO-SOUZA, Ângela. *Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade*. Niterói: EDUFF, 1997. Cita INEMA. **APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu**. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-bacia-do-cobre-sao-bartolomeu>. Acesso em: 05 abr. 2023.

HIMANEN, Pekka. *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*. Estados Unidos: Random House Trade Paperbacks, 2001.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRNER, Claudio; SISCOUTO, Robson. *Realidade virtual e aumentada: conceitos, projeto e aplicações*. Pré-Simpósio IX Symposium on Virtual and Augmented Reality, Petrópolis – RJ, 28 maio 2007.

LAFUENTE, Antonio; GÓMEZ, David. *SlowU: una propuesta de transformación para la universidad*. Ebook. Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey, Monterrey, México, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. *Cultura da mobilidade*. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 40, dez. 2009, p. 28-35.

LEMOS, André. **Mídias locativas e territórios informacionais**. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Paulo (orgs.). *Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo: Educ, 2008.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PINHEIRO, Daniel Silva; MENEZES, Karina Moreira; CORDEIRO, Salette de Fátima Noro. **Criar de um jeito hacker: experiências na/com a escola e a universidade**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 01-18, jul./set. 2021.

Plano de Manejo Parque São Bartolomeu. Conder, 2013. Disponível em: http://www.conder.ba.gov.br/arquivos/biblioteca/156/PDF_BIBLIOTECA.PDF. Acesso em: 04 nov. 2021.

PRETTO, Nelson De Luca; AMIEL, Tel; BONILLA, Maria Helena Silveira; LAPA, Andrea. **Plataformização da educação em tempos de pandemia**. In: *Educação e tecnologias digitais [livro eletrônico]: desafios e estratégias para a continuidade da aprendizagem em tempos de COVID-19*. São Paulo: CGI.br, 2021, p. 221-250. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20211124201927/estudos-setoriais-educacao-e-tecnologias-digitais.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PRETTO, Nelson De Luca; SERPA, Luiz Felipe Perret (org.). *Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes*. Salvador: Edufba, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAMGE. *Painel de Resultados por Unidade de Conservação*. 2022. Disponível em: <http://samge.icmbio.gov.br/Uc/890>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SANTAELLA, Lucia. *Desafios da ubiquidade para a educação*. Ensino Superior Unicamp, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 08 maio 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios da ubiquidade para a educação**. Ensino Superior Unicamp, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 08 maio 2023.

SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antonio; MORAES, Gomes de Luiz Roberto; FISCHER, Tânia. **O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes**. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2012a.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Edusp, 2012.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Contexto, 2007b.

SERPA, Ângelo. **Ponto convergente de utopias e culturas: o Parque São Bartolomeu**. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 177-190, 1996. São Paulo, SP: Contexto, 2007b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 77, p. 237-280, out. 2007.

THIBAUD, Jean-Paul. **O devir ambiente do mundo urbano**. Tradução: Eduardo Caetano da Silva. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/upload>. Acesso em: [data de acesso].

THIBAUD, Jean-Paul. **A cidade através dos sentidos**. **Cadernos PROARQ**, n. 18, 2012. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18>. Acesso em: 10 out. 2023.

TIBURI, Márcia. **Escravos felizes: quando discursos prontos liberam do esforço de pensar**. São Paulo: Editora Bregantini, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/escravos-felizes/>. Acesso em: nov. de 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.**
São Paulo: Difel, 1980.

APÊNDICE A - Proposta de Produção Técnica-Tecnológica

RODAS DE CONVERSA ESTUDANTES

COLETA DE DADOS		
ETAPAS	1a. Roda de Conversa	2a. Roda de Conversa
Convite		
Data		
Apresentação da Pesquisa	Objetivos TCLE - apresentação e esclarecimentos	
Dispositivo	Roda de Conversa	Roda de Conversa
Participantes	12	12

**APÊNDICE B – RODAS DE CONVERSA
PROFESSORES/COORDENADORES/GESTÃO**

COLETA DE DADOS		
ETAPAS	1a. Roda de Conversa	2a. Roda de Conversa
Convite		
Data		
Apresentação da Pesquisa	Objetivos TCLE - apresentação e esclarecimentos	
Dispositivo	Roda de Conversa	Roda de Conversa
Participantes	12	12

ANEXO A

PERGUNTAS PROVOCADORAS

PARQUE SÃO BARTOLOMEU	
QUESTÃO 1	Quando falam sobre o Parque São Bartolomeu, o que vem a sua mente?
QUESTÃO 2	Vocês já estiveram no Parque São Bartolomeu? () SIM. O que mais chamou a sua atenção? () NÃO. Qual o motivo de não conhecer o parque?
QUESTÃO 3	Vocês conhecem alguém que já esteve no Parque São Bartolomeu? O que essas pessoas falam?
QUESTÃO 4	Como vocês poderiam construir mais informações para as pessoas que ainda não conhecem o parque?
QUESTÃO 5	Como a escola e os estudantes podem preservar as memórias e identidades do parque? De que maneira o celular pode contribuir nesse processo?
QUESTÃO 6	Para você, qual o motivo de muitas pessoas, apesar de residirem no subúrbio, nunca visitarem o Parque São Bartolomeu?

ANEXO B – PROPOSTA TÉCNICA-TECNOLÓGICA (PTT) - IROKO: PROTÓTIPO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO PARQUE SÃO BARTOLOMEU



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e
Inovações Pedagógicas
Mestrado Profissional em Educação



ANA CRISTINA GONÇALVES DA CRUZ

**IROKO: PROTÓTIPO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO
PARQUE SÃO BARTOLOMEU**

Salvador

2024

ANA CRISTINA GONÇALVES DA CRUZ

**IROKO: PROTÓTIPO DE CONTEÚDOS LIVRE E EDUCAÇÃO NO
PARQUE SÃO BARTOLOMEU**

Produção Técnica-Tecnológica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, curso de Mestrado Profissional em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete de Fátima Noro Cordeiro.

**Salvador
2024**

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 85).

CRUZ, Ana Cristina Gonçalves da. Iroko: Produção de conteúdos Livre e Educação no Parque São Bartolomeu. 2024. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa interventiva propõe a construção colaborativa de um protótipo denominado *Iroko*, voltado à produção de conteúdos digitais abertos sobre o Parque São Bartolomeu (PSB), localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. O estudo parte da problemática da invisibilidade histórica, ambiental e cultural do PSB, associada à lacuna de práticas educativas que integrem tecnologias digitais e valorizem a identidade local. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, com dispositivos como rodas de conversa, diários de campo, visitas guiadas e oficinas de produção multimídia, envolvendo estudantes, professores e comunidade escolar do Colégio Estadual Luís Rogério de Souza (CELRS). O protótipo visa criar um banco de dados com licenças livres, abrigando imagens, vídeos, áudios e registros de realidade aumentada, além de promover o protagonismo estudantil na preservação da memória do parque. Os resultados evidenciam a necessidade de resgatar narrativas sobre o PSB como espaço de resistência negra, sagrado e ambiental, confrontando discursos hegemônicos que o associam à violência. Conclui-se que a filosofia *hacker* e as tecnologias abertas fortalecem práticas educativas críticas, contribuindo para a formação cidadã e a reconfiguração do currículo escolar em diálogo com o território.

Palavras-chave: Educação; Tecnologias Digitais; Parque São Bartolomeu; Protótipo; Cultura Livre.

ABSTRACT

This interventional research proposes the collaborative construction of a prototype called Iroko, aimed at producing open digital content about Parque São Bartolomeu (PSB), located in the Railway Suburb of Salvador-BA. The study starts from the problem of the historical, environmental and cultural invisibility of the PSB, associated with the gap in educational practices that integrate digital technologies and value local identity. Methodologically, a qualitative approach is adopted, with devices such as conversation circles, field diaries, guided visits and multimedia production workshops, involving students, teachers and the school community at Colégio Estadual Luís Rogério de Souza (CELRS). The prototype aims to create a database with free licenses, housing images, videos, audios and augmented reality records, in addition to promoting student leadership in preserving the park's memory. The results highlight the need to rescue narratives about the PSB as a space of black, sacred and environmental resistance, confronting hegemonic discourses that associate it with violence. It is concluded that the hacker philosophy and open technologies strengthen critical educational practices, contributing to citizenship formation and the reconfiguration of the school curriculum in dialogue with the territory.

Keywords: Education; Digital Technologies; São Bartolomeu Park; Prototype; Free Culture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa dos Bairros de Salvador	p.
FIGURA 2	Mapa de localização do Parque São Bartolomeu no contexto das demais áreas protegidas	
FIGURA 3	Área de estudo (local), Parque São Bartolomeu (PSB) – sobreposto com a APA Bacia do Cobre/São Bartolomeu, situado na Bacia do Cobre e entorno com os limites da PIS-COBRE (Poligonal de Intervenção Social), Bahia, Brasil	
FIGURA 4	Localização das instituições avaliadas no entorno do Parque São Bartolomeu	
FIGURA 5	Santuário Parque São Bartolomeu	
FIGURA 6	Teleférico Salvador	
FIGURA 7	Praça de Oxum	
FIGURA 8	CELRS Fachada Paulo Freire	
FIGURA 9	Radioweb Luís Rogério	
FIGURA 10	Cachoeira de Nanã	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Recursos e Valores que requerem ações de manejo para retornarem ao estado desejado de conservação	
QUADRO 2	Relatório do Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão	
QUADRO 3	Colaboradores do CELRS	

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATD	Análise Textual Discursiva
APA	Área de Proteção Ambiental
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CELRS	Colégio Estadual Luís Rogério de Souza
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
GEC	Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEMA	Instituto Do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
MPED	Mestrado Profissional em Educação
PIS-COBRE	Poligonal de Intervenção Social do Cobre
PPGCLIP	Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
PPT	Produto Técnico Tecnológico
PSB	Parque São Bartolomeu
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SAVAM	Sistema de Áreas de Valor Ambiental e Cultural
SAMGe	Sistema de Análise e Monitoramento de Gestão
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

<u>1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO</u>	88
<u>1.1 A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA</u>	89
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PROTÓTIPO "IROKO"</u>	93
<u>REFERÊNCIAS</u>	95
<u>ANEXO A</u>	97

1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

... Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo
(Caetano Veloso, 1979)

As minhas inquietações comungam com o pensamento da comunidade escolar, pois, sem a escuta ativa realizada a partir do dispositivo da Roda de Conversa, foi notório o pensamento de insatisfação revelado nas narrativas dos que participaram. Esse momento de exposição das inquietações foi primordial para que esse projeto de intervenção tivesse continuidade, por se tratar de um protótipo, sem essas devolutivas seria impossível conceber um movimento colaborativo desse projeto.

Com base na análise dos dados coletados, percebe-se a necessidade da intervenção colaborativa. A escuta trouxe os anseios da comunidade escolar com relação ao Parque São Bartolomeu e as interações entre o uso do parque como uma rica e diversa fonte de estudo.

O Parque São Bartolomeu, apesar de ser conhecido pelos docentes como um lugar que há muito a ser estudado, porém pouco explorado pela escola por conta da violência, precisa de participação efetiva da comunidade escolar para manter viva sua memória, configurando a partir das redes sociais a permanência da sua história, visto que as redes alcançam um maior público. Nesse sentido, pensando na educação de maneira ampla, seguindo o pensamento de Nóvoa (2012),

Há muitas viagens que podem ser feitas no mesmo rio. Valorizar formas diferentes de fazer a escola é multiplicar as oportunidades de cada um. Com uma condição: não renunciar, nunca, à construção de uma cultura comum e de lhe dar um sentido pessoal e colectivo. (Nóvoa, 2012, p.13).

Partindo desse princípio colaborativo, onde a coletividade é crucial na construção das aprendizagens e preservação da cultura comum, o parque, nessa condição de bem comum, requer ações interventivas. Assim, a escola assume papel ímpar ao iniciar a luta em preservar as memórias e identidade do parque. Não obstante, essa iniciativa que veicula nas redes sociais, ganhando maior visibilidade desse importante espaço, acaba por reverberar também numa importante política pública de recuperar e proteger suas nascentes que impactam diretamente na Bacia do Cobre.

Para tanto, a metodologia com abordagem interventiva irá permear esse processo de construção coletiva do protótipo, o Iroko, quebrando padrões pré-estabelecidos, tem como propósito preconizar mãos colaborativas. Compreender Iroko, requer sair dessa lógica imposta pelo colonizador. Iroko é uma árvore ancestral que, para as religiões de matriz africana, tem suas raízes fincadas na história e cultura do povo negro, sendo o portal de entrada de todos os orixás na terra. Sendo a gameleira branca, símbolo do Tempo, que para as religiões de matriz africana, é símbolo da ancestralidade. Conforme Caetano Veloso, ‘o tempo é um dos deuses mais lindos, compositor de destinos’, sendo um dos caminhos a traçar nesse projeto transgressor de padrões enfrentados na educação. Como pensar a educação requer acompanhar as mudanças sociais, o Iroko pretende criar galhos que conectam pessoas ao conhecimento desse espaço geográfico que é o Parque São Bartolomeu. Pautada nessa proposta de várias mãos, que se define como protótipo visto que é um experimento, comungando com a prática do Medialab Prado de Madrid, espaço sedutor que abriga diversas formas de pensar, aceitando uma gama de contribuições somando saberes. Segundo Lafuente (2024), essa seria a transição para a cultura da contribuição, dando forma aos anseios locais. Como é um protótipo, é algo inacabado, incompleto, em construção. Cabe ressaltar que essa perspectiva parte do pensamento de agregar, acolher os que chegarem durante o processo: “prototipar é uma forma de aprender a viver juntos”. Essa tão almejada prototipagem corrobora com o fazer hacker, promovendo uma arquitetura de saberes e contribuições, requerendo a formação de uma teia de conhecimentos colaborativos em rede digital para abrigar os dados que serão compartilhados. Para tanto, precisamos conhecer Iroko, uma árvore ancestral conhecida como Gameleira Branca, e sua importância para as religiões de matriz africana requer permissão das divindades. Por ser senhor do Tempo que tudo controla, peço licença para poder falar, desse Orixá criador e portal de chegada de todos os outros.

1.1 A PROPOSTA DE PRODUÇÃO TÉCNICA-TECNOLÓGICA

Esta pesquisa teve como foco a relação entre a Escola e o Parque São Bartolomeu, destacando a complexidade de suas dimensões históricas, culturais e religiosas. A presença de

Iroko (a árvore, conforme imagem) na Praça principal do Parque, com sua imponência, simboliza um dos primeiros pontos de encontro entre as tradições locais e a história colonial, representada pela capela construída ao lado por Padre Antônio Vieira. Esta configuração revela uma tentativa de dominação cultural e territorial por parte dos colonizadores, enquanto, ao mesmo tempo, a natureza do Parque segue sendo sua maior fonte de riqueza e resistência.

FIGURA 1 - GAMELEIRA BRANCA IROKO TEMPO



Fonte: Autoria Própria (2024)

Para superar as disparidades históricas e sociais que ainda marginalizam as populações locais e suas histórias, propõe-se a criação de um protótipo de intervenção no formato de um banco de dados interativo, colaborativo e acessível a todos. A partir da metodologia da Pesquisa Interventiva, como proposto por Almeida e Sá (2021), buscamos construir um ambiente de diálogo entre a escola e o Parque, favorecendo a participação ativa dos sujeitos

envolvidos, com foco na construção conjunta do conhecimento e no protagonismo dos estudantes e professores.

Cabe ressaltar que, para que Iroko seja possível, a semente inicial foi plantada na escola, porém será necessário a mobilização de diversos atores que vão desde o parque e os que já militam a permanência de sua existência, como a população das religiões de matrizes africanas, mas cabendo também aos que o vivenciam no seu entorno, como a creche que serve de apoio a comunidade local. Assim, essa coletividade diversa na sua heterogeneidade é convidada a participar dessa construção colaborativa de Iroko.

A criação do protótipo será orientada por três objetivos principais:

1. **Desenvolver um banco de dados dinâmico** com recursos como imagens, vídeos, áudios e conteúdos multimídia interativos sobre o Parque São Bartolomeu, utilizando plataformas de licenciamento aberto (Creative Commons), garantindo que o material gerado seja acessível e reutilizável.
2. **Promover a prática de educação aberta**, incentivando a autoria e o protagonismo dos participantes, além de explorar modelos de licenciamento livre para disseminar o conhecimento produzido.
3. **Explorar as potencialidades da realidade aumentada e virtual**, para criar novas formas de aprendizado, incluindo modelagens e experimentações colaborativas com professores e estudantes.

Este protótipo será desenvolvido em etapas interativas, com a participação ativa da comunidade escolar, e será estruturado em duas fases: uma formativa teórica e outra prática. A fase teórica incluirá oficinas de sensibilização e formação, enquanto a fase prática envolverá visitas ao Parque e atividades de produção de conteúdos. A colaboração será fundamental, pois o protótipo se caracteriza por um processo não verticalizado, mas sim de troca constante entre os participantes, criando um ambiente de aprendizagem coletiva.

Para garantir a implementação bem-sucedida, a proposta de formação será a primeira etapa do protótipo, envolvendo as oficinas de capacitação para professores e estudantes. A sensibilização sobre a história, a geografia e a importância cultural do Parque será realizada, em um primeiro momento, dentro do ambiente escolar. A imersão no Parque acontecerá ao final da Etapa 1, proporcionando a vivência direta com o espaço e suas narrativas históricas.

Na continuidade do protótipo, propõe-se a utilização de algoritmos, como o *Algoritmo de Caminhada Aleatória* de Greg Gianni, para possibilitar uma abordagem inovadora de coleta de dados. A proposta é que cada visita ao Parque seja acompanhada por diferentes formas de registro e experiências sensoriais, como imagens, vídeos e sons, que serão posteriormente armazenados no banco de dados do protótipo *Iroko*. O *Iroko* se tornará um ponto central de preservação da memória do Parque, aberto à contribuição da comunidade escolar e externa, com base em licenciamento aberto para facilitar a difusão do conteúdo.

A fase algorítmica se conectará ao uso de um **Inventário Virtual**, que permitirá uma catalogação mais eficiente e estruturada dos conteúdos coletados. Os dados serão organizados de forma que possam ser acessados em tempo real ou de maneira assíncrona, dependendo da conectividade disponível no local. Isso proporcionará uma flexibilidade no processo de coleta e análise de dados.

A estrutura do protótipo *Iroko* será organizada em torno de seis fases, cada uma correspondendo a um dos pontos de referência simbólicos do Parque. Os participantes serão incentivados a desenvolver suas próprias narrativas, reescrevendo e reinterpretando as realidades vivenciadas através de suas observações e registros. Isso promove a apropriação ativa do espaço, dando aos estudantes a oportunidade de se tornarem produtores de conhecimento.

Ao longo das atividades de campo, as práticas de edição de conteúdo serão realizadas em oficinas, e ao final de cada fase, haverá uma roda de apresentação dos conteúdos criados pelos grupos de estudantes. Esse formato visa fortalecer o senso de autoria e pertencimento ao projeto, além de proporcionar um espaço de reflexão e aprendizado coletivo.

As falas da comunidade escolar a partir das rodas de conversas possibilitaram traçar rotas de pensar o parque a partir da perspectiva do digital, espaço que alcança uma visibilidade além das fronteiras físicas, permitindo criar lutas de permanências engajadas por um público que entende a importância do parque na preservação da História da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PROTÓTIPO "IROKO"

O protótipo *Iroko* será um banco de dados colaborativo, destinado a resgatar e preservar a memória do Parque São Bartolomeu, com o intuito de criar uma plataforma aberta, acessível a toda a comunidade. O uso de licenciamento aberto, como o *Creative Commons*, permitirá que o material gerado seja compartilhado e reutilizado por qualquer pessoa, ampliando as possibilidades de uso e disseminação do conhecimento.

A implementação desse protótipo não se limita ao espaço escolar, mas se estende à comunidade em geral, permitindo que qualquer pessoa possa contribuir para o acervo do Parque, seja por meio de registros fotográficos, de áudio ou de vídeo. A proposta é criar um ambiente de aprendizagem dinâmica e colaborativa, em que o conhecimento é produzido, compartilhado e reinterpretado continuamente, consolidando o Parque São Bartolomeu como um espaço vivo de memória e resistência.

Pensar a relação parque-escola como ponto inicial de referência no resgate e preservação das suas memórias necessita de um abraço coletivo dessas duas ambiências na construção desse protótipo que requer uma retroalimentação de toda uma sociedade. Assim será possível proteger esse lugar de diversidades que resiste ao tempo no ambiente de efervescência urbana. Mesmo assim, mantém-se como santuário com ecologias que reverberam nessa dicotomia. Cabe aos atores que desse espaço comungam lutar por suas permanências.

A escola, enquanto espaço de formação de cidadãos, cria um diálogo próximo que educa além dos muros da escola, envolvendo outros atores que se alinham, agregando nesse processo leituras e práticas de resistências diárias na proteção das memórias do parque para gerações futuras, se apropriando da linguagem do digital com práticas colaborativas em rede que agregam trocas entre vários atores sobre o parque.

Esse banco de dados *Iroko* surge a partir da necessidade de vozes serem ouvidas em sua amplitude, com ocupação de espaços que vão além da esfera física, buscando de maneira colaborativa atingir um público maior como forma de se manter vivo, presente com sua história contada e preservada para gerações atuais e futuras. Fortalecendo assim, resgatando histórias, imagens que muitas vezes ficam apenas no campo da oralidade, mas que podem ser eternizadas se registradas nesse ambiente que ficará acessível a todos. Nesse sentido, *Iroko*,

cria condições que vislumbrem a importância dele para além de ser um banco de dados, ser um espaço de resistência do povo negro que luta para que sua história se mantenha viva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. **Tessituras curriculares inovantes de um mestrado profissional em educação**. *Revistas e-Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 938-960, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/49448/35613/164674>. Acesso em: 02 agosto 2024.

BONILLA, M. H.; PRETTO, N. L. **Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais**. *Perspectiva*, v. 33, n. 2, p. 499-521, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 85.

LAFUENTE, Antonio; GÓMEZ, David. **SlowU: una propuesta de transformación para la universidad**. Ebook. Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey, Monterrey, México, 2020.

NÓVOA, A. **Carta a um jovem pesquisador em educação**. *Revista Investigar a Educação*, Porto, 2 Série, n. 3, p. 3-21, 2015.

NÓVOA, A. **Pensar alunos, professores, escolas, políticas**. In: *Revista Educação, Cultura e Sociedade - ECS*, Sinop/MT, v.2, n.2, p.07-17, jul./dez. 2012.

PINHEIRO, Daniel Silva; MENEZES, Karina Moreira, CORDEIRO, Salette de Fátima Noro. **Criar de um jeito hacker: experiências na/com a escola e a universidade**. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 39, n.3p. 01-18, jul./set. 2021.

PRETTO, Nelson De Luca; AMIEL, Tel; BONILLA, Maria Helena Silveira; LAPA, Andrea. **Plataformização da educação em tempos de pandemia. IN: Educação e tecnologias digitais [livro eletrônico]: desafios e estratégias para a continuidade da aprendizagem em tempos de COVID-19**. São Paulo: CGI.br, 2021. p. 221-250. Disponível em:

<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/20211124201927/estudos-setoriais-educacao-etecnologias-digitais.pdf>. Acesso em 22 ago. 2023.

PRETTO, Nelson De Luca; SERPA, Luiz Felipe Perret (org). **Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes**. Salvador: Edufba, 2002.

VELOSO, Caetano. **Oração ao Tempo**. Cinema Transcendental. LP. 1979.

ANEXO A

3. OFICINAS	
I. ETAPA - TÚNEL DO TEMPO	
<u>FASE 1 - CACHOEIRA DE OXUM</u>	
	
TRILHAS	PERÍODO
➤ POVOS ORIGINÁRIOS - TUPINAMBÁS	QUINZENAL
➤ QUILOMBO DO URUBU	QUINZENAL
<u>FASE 2 - CACHOEIRA DE OXUMARÉ</u>	
➤ O SAGRADO	QUINZENAL
<u>FASE 3 - CACHOEIRA DE NANÃ</u>	
➤ BATALHA DE PIRAJÁ	QUINZENAL
➤ VISITA AO PARQUE	QUINZENAL
II. ETAPA - CONHECENDO IROKO	

<u>FASE 4 - BARRAGEM DO COBRE</u>	
➤ QUESTÕES AMBIENTAIS	QUINZENAL
➤ QUESTÕES SOCIAIS	QUINZENAL
<u>FASE 5 - PEDRA DE XANGÔ</u>	
➤ PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE MEMÓRIA	QUINZENAL
➤ SOFTWARE LIVRE x SOFTWARE PROPRIETÁRIO	QUINZENAL
➤ HACKEAR CONHECIMENTO	QUINZENAL
➤ COPYLEFT e CREATIVE COMMONS	QUINZENAL
<u>FASE 6 - ESCADARIA DE PEDRA</u>	
	
➤ FOTOGRAFIA	SEMANAL
➤ CRIAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO	SEMANAL

➤ MARCADORES e QR CODE	SEMANAL
➤ REALIDADE VIRTUAL	SEMANAL
➤ REALIDADE AUMENTADA	SEMANAL
➤ VISITA AO PARQUE	SEMANAL